

**FR. GABRIELE FERLISI, OAD**

**O CARISMA DOS  
AGOSTINIANOS DESCALÇOS**



**VERSÃO EM PORTUGUÊS**

**PUBLICAÇÕES DE PRESENZA AGOSTINIANA  
ROMA – 2020**

CÚRIA GERAL  
Piazza Ottavilla, 1  
00152 – Roma – Itália  
Tel.: +39 06 5896345  
curiagen@oadnet.org  
www.oadnet.org

IMPRIMI POTEST

FR. DORIANO CETERONI  
(Prior geral)

Roma, 11 de março de 2020

*COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA*

TRADUÇÃO: FR. CALÓGERO CARRUBBA, OAD  
REVISÃO: FR. DIONES RAFAEL PAGANOTTO, OAD

## SIGLAS E ABREVIACÕES

Cân.	Cânon
cap.	capítulo
Conf.	S. AGOSTINHO, <i>Confessionum Libri Tredecim</i>
Const.	<i>Constituições</i> dos Agostinianos Descalços
De Civ. Dei	S. AGOSTINHO, <i>De Civitate Dei</i>
De Trin.	S. AGOSTINHO, <i>De Trinitate Libri Quindecim</i>
Epist.	S. AGOSTINHO, <i>Epistolae</i>
In Ps.	S. AGOSTINHO, <i>Enarrationes in Psalmos</i>
In Ev. Ioan.	S. AGOSTINHO, <i>In Evangelium Ioannis Tractatus Centum Viginti Quatuor</i>
p.	página
pp.	páginas
Reg.	S. AGOSTINHO, <i>Regula</i>
Rit.	<i>Ritual</i> dos Agostinianos Descalços
Serm.	S. AGOSTINHO, <i>Sermones</i>
VC	PAPA S. JOÃO PAULO II, <i>Vita Consecrata</i>
Enc. Fide, Spe et Char.	S. AGOSTINHO, <i>Enchiridion de Fide, Spe et Charitate liber unus</i>

\* As citações e as abreviações dos livros bíblicos seguem a *Biblia de Jerusalém*.

## APRESENTAÇÃO

Apresento com grande alegria àqueles que integram a família agostiniana descalça, incluindo os membros da Terceira Ordem Secular e aqueles que gravitam em torno de cada uma de nossas comunidades religiosas e paroquiais, este sucinto e fundamental opúsculo sobre o nosso carisma.

Agradeço de modo especial ao Fr. Gabriele Ferlisi, nosso confrade, por compartilhar as várias reflexões feitas sobre o nosso carisma, as quais foram resumidas recentemente nos artigos publicados na revista *Presenza Agostiniana* em 2019.

Creio que este opúsculo é um dos mais belos frutos maduros da celebração do Ano do Carisma, promulgado pelo Prior geral (2019), que culminou com a audiência privada na sala Clementina com o Papa Francisco e com a inclusão, no texto das Constituições, do lema que resume o nosso carisma: “Felizes por servir o Altíssimo em espírito de humildade” (Const. 3).

Tenho certeza de que esta publicação é uma ferramenta indispensável para aqueles que sentem a necessidade de conhecer ou aprofundar os fundamentos da nossa específica espiritualidade e o nosso modo peculiar de ser e servir a Igreja e o mundo.

Espero que este opúsculo ajude a compreender a nossa Reforma, sendo um ponto de referência e uma preciosa *carta magna* na jornada formativa que acompanha toda a nossa vida.

Roma, 11 de março de 2020.

FR. DORIANO CETERONI  
(Prior geral)

## ÍNDICE

### CAPÍTULO 1.

<b>REFLEXÕES PRÉVIAS SOBRE O CARISMA.....</b>	<b>8</b>
1.1. Significado de espiritualidade .....	8
1.2. Significado de carisma.....	9
1.3. Carisma-Fundador .....	9
1.4. Carisma-Magistério .....	10
1.5. Carisma- <i>Constituições</i> .....	10
1.6. <i>Constituições</i> -espiritualidade-carisma.....	11

### CAPÍTULO 2.

<b>O PERENE FASCÍNIO DA VIDA CONSAGRADA .....</b>	<b>12</b>
2.1. Natureza da vida consagrada.....	12
2.2. Vida consagrada: vista da perspectiva de Deus .....	12
2.3. Igreja: realidade visível e realidade de graça .....	12
2.4. Vida consagrada: também realidade visível e de graça.....	13
2.5. No que consiste o perene fascínio da vida consagrada?.....	14
2.5.1. <i>Vida consagrada: rastro da Trindade na história</i> .....	14
2.5.2. <i>Vida consagrada: iniciativa e dom da Trindade</i> .....	14
2.5.3. <i>Vida consagrada: confissão da Trindade</i> .....	15
2.5.4. <i>Vida consagrada: sequela Christi</i> .....	15
2.5.5. <i>Vida consagrada: sinal de comunhão na Igreja e espaço humano habitado pela Trindade</i> .....	15
2.5.6. <i>Vida consagrada: epifania do amor de Deus no mundo</i> .....	16
2.6. Fascínio sempre novo .....	16

### CAPÍTULO 3.

<b>O PERENE FASCÍNIO DA VIDA CONSAGRADA AGOSTINIANA.....</b>	<b>18</b>
3.1. Uma importante consideração.....	18
3.2. Somos agostinianos .....	18
3.3. Somos descalços .....	18
3.4. O ser agostiniano dos Agostinianos Descalços nas <i>Constituições</i> .....	19
3.4.1. <i>Colocação canônica na Igreja</i> .....	19
3.4.2. <i>Vida evangélica</i> .....	20
3.4.3. <i>Vida trinitária</i> .....	20
3.4.4. <i>Vida cristológico-ecclesial</i> .....	20
3.4.5. <i>Vida contemplativa</i> .....	21
3.4.6. <i>Vida apostólica</i> .....	21
3.4.7. <i>Vida de comunhão e de comunidade</i> .....	21
3.4.8. <i>Vida de ascese</i> .....	22
3.4.9. <i>Vida mariana</i> .....	22

## **CAPÍTULO 4.**

### **O PERENE FASCÍNIO DA VIDA CONSAGRADA**

<b>DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS .....</b>	<b>24</b>
4.1. Liturgia da vida .....	24
4.1.1. <i>Ato cultural</i> .....	24
4.1.2. <i>Hóstia viva, santa e agradável</i> .....	25
4.2. Andar descalços .....	25
4.2.1. <i>Pobreza</i> .....	25
4.2.2. <i>Humildade</i> .....	26
4.2.3. <i>Mortificação</i> .....	26
4.2.4. <i>Conversão</i> .....	26
4.3. Voto de humildade.....	26
4.4. Dificuldade, apesar de tudo, de definir o carisma.....	27
4.5. Propostas de definição .....	28
4.6. Qual definição preferir?.....	29

## **CAPÍTULO 5.**

### **ILUSTRAÇÃO E LEMA DO ANO DO CARISMA**

<b>DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS .....</b>	<b>30</b>
5.1. Ilustração: o S. P. Agostinho lava os pés ao Cristo .....	30
5.1.1. <i>Gesto de hospitalidade</i> .....	30
5.1.2. <i>Serviço de caridade</i> .....	31
5.2. Outra ilustração: Cristo lava os pés dos apóstolos.....	33
5.2.1. <i>Significado eucarístico do lava-pés</i> .....	33
5.2.2. <i>Dom total de amor</i> .....	33
5.2.3. <i>Legado de Jesus de continuar a lavar os pés</i> .....	34
5.3. Novo lema .....	34
5.3.1. <i>Feliz definição</i> .....	34
5.3.2. <i>Palavra do Papa Francisco</i> .....	35

## **CAPÍTULO 6.**

### **FELIZES POR SERVIR AO ALTÍSSIMO EM ESPÍRITO**

<b>DE HUMILDADE EM TERRA DE MISSÃO.....</b>	<b>36</b>
6.1. Consagrados para a missão .....	36
6.2. Luzes e sombras na história das missões.....	36
6.3. Dados históricos das missões dos Agostinianos Descalços no Oriente.....	37
6.4. Luzes e sombras na história das missões dos Agostinianos Descalços no Oriente.....	37
6.4.1. <i>Em relação ao tardio início das missões</i> .....	38
6.4.2. <i>Em relação ao reduzido número de missionários</i> .....	39
6.5. Missionários felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade.....	39
6.5.1. <i>Servir docilmente a Deus como homens de fé</i> .....	40
6.5.2. <i>Servir devotamente a Deus como homens de oração</i> .....	40
6.5.3. <i>Servir corajosamente a Deus como pastores zelosos</i> .....	40
6.5.4. <i>Servir humildemente a Deus como homens obedientes</i> .....	41
6.5.5. <i>Servir com amor a Deus como homens de comunhão e filhos da Igreja</i> .....	42
6.5.6. <i>Servir humildemente a Deus como hóstia de salvação, escondidos em Cristo</i> .....	43
6.5.7. <i>Servir alegremente a Deus como apaixonados</i> .....	44
6.6. Missionários maravilhosos.....	44
6.7. Missões na América Latina, na Ásia e na África.....	45

## **CAPÍTULO 7.**

### **FORMAR-SE À KÊNOSIS DO HUMILDE JESUS PARA SER FELIZES**

<b>POR SERVIR AO ALTÍSSIMO EM ESPÍRITO DE HUMILDADE.....</b>	<b>46</b>
7.1. Importantes considerações .....	46
7.1.1. <i>Proposta forte</i> .....	46
7.1.2. <i>Resposta forte</i> .....	46
7.2. Felizes .....	47
7.2.1. <i>Elemento de novidade na fidelidade bíblica</i> .....	47
7.2.2. <i>Ser felizes nos sofrimentos e nas hostilidades</i> .....	47
7.2.3. <i>As motivações para ser felizes</i> .....	48
7.2.4. <i>Valor da escolha do adjetivo felizes</i> .....	54
7.3. Por servir .....	54
7.3.1. <i>Termo polivalente</i> .....	54
7.3.2. <i>Três significados indicados pelo S. P. Agostinho</i> .....	55
7.4. O Altíssimo .....	57
7.4.1. <i>Deus é o horizonte do homem</i> .....	57
7.4.2. <i>Felizes por servir ao Altíssimo</i> .....	58
7.4.3. <i>Servindo a Deus, serve-se bem aos outros</i> .....	58
7.5. Em espírito de humildade.....	59
7.5.1. <i>Renegue-se a si mesmo</i> .....	59
7.5.2. <i>Pés descalços e voto de humildade</i> .....	59
7.6. Voto final.....	60

# CAPÍTULO 1.

## REFLEXÕES PRÉVIAS SOBRE O CARISMA

Solicitados pela promulgação do Ano do Carisma por parte do Prior geral, queremos refletir a respeito deste tema tão importante da vida consagrada dos Agostinianos Descalços.

Para iniciar, é oportuno fazer algumas considerações a respeito do significado do termo carisma e de outros termos relacionados que aparecem com frequência no vocabulário dos Institutos de vida consagrada: espiritualidade, talentos e constituições. Estes termos, de fato, se relacionam entre si e possuem um preciso significado que deve ser levado em conta para evitar de serem usados de modo genérico e impreciso, fato que criaria confusão.

### 1.1. SIGNIFICADO DE ESPIRITUALIDADE

A palavra espiritualidade possui inúmeros significados, sendo usada tanto na Igreja quanto fora dela.

Inicialmente foi usada no âmbito cristão para indicar a vida nova que o recém batizado ou o adulto convertido deveriam levar sob o influxo do Espírito Santo, cuja presença transformava o homem velho ou carnal em um homem novo ou espiritual.

Em seguida a palavra passou a ser utilizada também fora do cristianismo, no âmbito tanto religioso quanto cultural, a ponto de um experto nesta matéria, o monge Enzo Bianchi, afirmar que:

Tem lugar também para uma espiritualidade sem religião e sem Deus [...]. É uma espiritualidade que se alimenta da experiência da interioridade, da busca do sentido e do sentido dos sentidos, do confronto com a realidade da morte como palavra originária e com a experiência do limite; uma espiritualidade que conhece a importância da solidão, do silêncio, do refletir, do meditar. Essa forma de espiritualidade se alimenta da alteridade: ela vai ao encontro dos outros e do outro e fica aberta ao Outro se por acaso se revelasse.

Portanto, a espiritualidade, além de ser uma categoria teológica pertencente à esfera religiosa, é uma categoria antropológica que se refere ao ser humano, a pessoa, a toda a humanidade. Assim escreveu o Card. Amato: “Antes de um significado propriamente cristão, existe um prévio significado humano que realça o ‘espírito’ como centro animador de cada pessoa humana”. Deste modo alguns vocabulários definem a espiritualidade como “a sensibilidade e a adesão íntima aos valores do espírito” (De Felice; Duro).

A expansão do termo espiritualidade em outros âmbitos não cristãos nem religiosos não tira nada ao fato de que o vocábulo seja usado prevalentemente no âmbito das religiões e, especialmente do cristianismo, pois toca o núcleo central da nossa existência, ou seja, a nossa relação religiosa e moral com o Absoluto. Neste sentido o teólogo von Balthasar define a espiritualidade como: “A atitude fundamental, prática e existencial de um homem, atitude que é assumida como consequência e expressão de sua fé religiosa; ou em termos mais gerais, como expressão de sua interpretação eticamente comprometida da existência”.

A definição de espiritualidade é aprimorada quando colocada em relação a Cristo (visto como caminho, verdade e vida) como uma referência ética e de valores da nossa existência,

pois temos a espiritualidade chamada cristã. Ao interno desta espiritualidade cristã há outras especificações como: espiritualidade agostiniana, franciscana, carmelita etc.

Resumidamente, a palavra espiritualidade significa, do ponto de vista antropológico, viver segundo o espírito, e do ponto de vista teológico, viver no Espírito e para o Espírito. O termo manifesta, assim, uma maneira de ser, um estilo de vida, um modo de viver, e denota também a própria ciência que estuda, organiza e ensina os princípios e as práticas que regulam este modo de viver.

Os Institutos de Vida Consagrada compreendem o termo espiritualidade como uma visão espiritual da vida. Além disso, o vocábulo é também entendido em um sentido teológico, mais precisamente cristológico-elesial, com o acréscimo do adjetivo de pertença ao próprio Instituto Religioso: agostiniano, franciscano, carmelita, beneditino etc.

## **1.2. SIGNIFICADO DE CARISMA**

O termo carisma é atualmente utilizado em um sentido figurado para indicar a peculiar característica de exercitar fascínio, atração e poder de persuasão sobre os outros, graças à personalidade de um líder dotado de carisma.

O termo é também usado comumente em um sentido teológico para indicar um dom sobrenatural distribuído pelo Espírito Santo a um fiel para o bem de toda a comunidade.

O apóstolo Paulo introduziu o termo no plural, falando de carismas no sentido de dons sobrenaturais distribuídos gratuitamente por Deus a cada um dos cristãos para torná-los capazes de contribuir dinamicamente na edificação da inteira comunidade eclesial. O termo manteve-se no tempo e até hoje possui o mesmo significado.

Faz-se necessária a distinção entre carismas e talentos, pois estes são apenas dotes naturais inerentes à própria natureza do homem, contudo carismas e talentos interagem entre si.

A forma plural carismas na linguagem habitual dos Institutos religiosos e dos documentos oficiais da Igreja cedeu espaço à forma singular carisma para indicar o elemento específico que caracteriza cada Instituto religioso.

## **1.3. CARISMA-FUNDADOR**

A menção de carisma se relaciona, inicialmente, com o fundador/fundadora, porque é no coração do pai e da mãe se encontram as características somáticas de uma nova criatura. O projeto de dar início a um novo carisma não inicia do baixo, por iniciativa humana, mas vem do alto, do Espírito Santo; todavia, o fundador ou a fundadora são leitores atentos do Evangelho e da história, por isso é dentro de seus corações que o carisma é gerado e oferecido à Igreja.

Neste sentido se fala de carisma de fundador, carisma do fundador, carisma de fundação ou carisma do Instituto.

- Carisma de fundador: é o dom de graça unido ao conjunto de características únicas e intransmissíveis que pertencem somente à pessoa do fundador quando deu o pontapé inicial a um novo Instituto na Igreja.
- Carisma do fundador: é o dom de graça unido à peculiar experiência do mistério de Cristo e da Igreja com todas as características originais que pretende transmitir aos seus discípulos.

- Carisma do Instituto ou carisma da fundação: é a riqueza do dom herdado do fundador que os religiosos do Instituto se comprometem a viver, guardar, enriquecer e desenvolver, em sintonia com o corpo de Cristo.

Cada carisma portanto, possui:

- Uma marca pessoal que transforma a pessoa do fundador, preparando-a para uma vocação específica para a missão na Igreja.
- Uma marca coletivo-comunitária que envolve mais pessoas para realizar historicamente o mesmo projeto divino.
- Uma marca eclesial que é oferecido a toda a Igreja por meio do fundador e de sua comunidade.

#### 1.4. CARISMA-MAGISTÉRIO

Outro importante aspecto do carisma é a sua relação com a Igreja. Quando o fundador ou a fundadora concebe em seu coração um novo carisma, a Igreja tem a tarefa de reconhecê-lo e aprová-lo como carisma do Espírito Santo. A Igreja acolhe o novo Instituto religioso no mistério de sua natureza e santidade e lhe confia uma precisa colocação em seu tecido canônico.

O *Código de Direito Canônico* afirma:

É tarefa da competente autoridade da Igreja interpretar os conselhos evangélicos, regular sua práxis através de leis, constituir formas estáveis de vida mediante a aprovação canônica e igualmente, dentro de suas competências, cuidar para que os Institutos cresçam e se desenvolvam segundo o espírito dos fundadores e as sadias tradições (Cân. 576).

#### 1.5. CARISMA-CONSTITUIÇÕES

Há ainda uma terceira relação do carisma que é evidenciado no texto das *Constituições*. Para manter íntegro o carisma, assim como concebido pelo fundador ou pela fundadora e acolhido pela Igreja, faz-se necessário que seja codificado em um livro chamado pelo *Código de Direito Canônico* de *Constituições* ou código fundamental:

Para guardar mais fielmente a vocação e a identidade de cada Instituto o código fundamental, ou *Constituições*, de cada um deve conter, além de quanto estabelecido para ser observado no can. 578 [ou seja: “o entendimento e os projetos dos fundadores, sancionados pela competente autoridade da Igreja, no que diz respeito à natureza, ao fim, ao espírito e à vocação do Instituto, como também suas sadias tradições, coisas todas que constituem o patrimônio do Instituto”], as normas fundamentais relativas ao governo do Instituto e à disciplina dos membros, à sua incorporação e formação, além do objeto próprio dos vínculos sagrados (Cân. 587, §1).

Esta relação do carisma com as *Constituições* tem grande importância, pois evidencia o valor das *Constituições* como um código não apenas disciplinar nem como um conjunto de normas, mas como um código de amor e de liberdade. Esse texto não é visto como uma caixa forte blindada e enferrujada, mas como um escrínio que guarda ciosamente o que é verdadeiramente precioso e essencial: o carisma.

As *Constituições* não congelam ou guardam a vácuo o carisma, mas o conservam em seu original frescor, evitando o deterioramento da superficialidade, da improvisação, do relaxamento ou do rigorismo.

As *Constituições* são uma síntese do Evangelho traduzida na prática, um dom de salvação, um critério de discernimento da vontade de Deus, um guia seguro no caminho rumo à santidade, uma faixa preferencial para aproximar-se do mistério de Cristo e da Igreja.

## **1.6. CONSTITUIÇÕES-ESPIRITUALIDADE-CARISMA**

As *Constituições* contêm todos os elementos de espiritualidade do Instituto e plena beleza e fragrância espiritual do carisma. Há ainda outros subsídios que devem ser levados em conta para tornar o carisma completo: o *Diretório*, o *Ritual*, a *Ratio Institutionis* e as boas tradições.

Deste modo o religioso sabe onde buscar os elementos da própria espiritualidade e do próprio carisma para conhecê-los profundamente, evitando o risco de ser religioso genérico.

A seguir, nos concentraremos no que é próprio da espiritualidade e do carisma dos Agostinianos Descalços.

## **CAPÍTULO 2.**

### **O PERENE FASCÍNIO DA VIDA CONSAGRADA**

#### **2.1. NATUREZA DA VIDA CONSAGRADA**

A abordagem de alguns termos que fazem parte do vocabulário dos Institutos de Vida Consagrada preparou a aproximação ao tema específico do carisma dos Agostinianos Descalços, porém vamos nos deter sobre outro ponto fundamental que diz respeito à compreensão da própria natureza da vida consagrada, sobre a qual nem todos (religiosos, leigos, padres e bispos) têm a clareza suficiente.

A prova evidente dessa falta de entendimento é, de um lado, as muitas tensões que persistem entre o clero secular e o regular, entre os Institutos religiosos e os bispos; e, de outro, os apelos contínuos dos Papas para que se tenha a justa consideração da vida consagrada, porque ela “não é uma realidade isolada e marginal, mas diz respeito a toda a Igreja. [...] porque pertence intimamente à sua vida, santidade e missão” (VC 3).

A concepção de uma Igreja composta unicamente por ministros sagrados e por leigos não corresponde às intenções do seu divino Fundador, tais como no-las apresentam os Evangelhos e outros escritos neotestamentários (VC 29).

#### **2.2. VIDA CONSAGRADA: VISTA DA PERSPECTIVA DE DEUS**

A vida consagrada é bem compreendida se for vista de duas perspectivas: a divina e a humana.

Como ponto de partida deve-se considerar o ponto de vista de Deus, pois a vida consagrada não é um projeto humano ou o fruto da capacidade de homens e mulheres espirituais, mas é uma iniciativa e um dom de Deus à sua Igreja. A consagração religiosa não é comparável a um cogumelo que desponta ocasionalmente na Igreja, mas é um dom do Espírito Santo; não é muito menos um clube ou uma associação que responde a objetivos pragmáticos de funcionalidade, mas é uma realidade teologal de graça.

A vida consagrada, em outros termos, reflete as características da Igreja, que é ao mesmo tempo uma realidade visível e social e, sobretudo, uma realidade de graça. Tratam-se de duas dimensões essenciais complementares, por isso o S. P. Agostinho afirma: “A Igreja deve ser compreendida em sua totalidade” (Enc. Fide, Spe et Char. 15,56) e deve ser avaliada por meio de parâmetros que consideram ambas as dimensões.

#### **2.3. IGREJA: REALIDADE VISÍVEL E REALIDADE DE GRAÇA**

As notícias anunciadas pelos meios de comunicação e, em particular, o modo de falar de jornalistas ligados à Santa Sé levam muitas pessoas a identificar a Igreja com o Estado do Vaticano, com o Banco do Vaticano, com a Diplomacia Pontifícia, com o Colégio dos Cardeais. Muitos veem o Papa somente como um chefe de Estado ou um simples líder religioso.

Os profundos discursos teológicos e o rigor em algumas atitudes clericais podem fornecer também a imagem abstrata de uma Igreja autorreferencial, desencarnada da realidade e fechada em si mesma.

Esses dois exageros estão errados porque cada um tem uma visão unilateral redutiva, distorcida e desviante da Igreja, a qual é diferente. De fato, a Igreja não pode ser compreendida sem a sua relação com Cristo e com o Espírito que a anima: ela é o corpo místico de Cristo que continua a ação salvífica e redentora no tempo; ela é a multidão que experimenta o perdão e a misericórdia de Deus; ela é a medianeira da compaixão e da salvação de Deus; ela é formada por membros que cometem erros, pecados e lacerações; ela é una, santa, católica e apostólica.

A Igreja saiu do lado aberto de Cristo (Jo 19,34) e se manifestou por meio do Espírito Santo no dia de Pentecostes. O Papa é o seu guia que a conduz infalivelmente no que diz respeito à fé e a moral, não a motivo da sua inteligência, santidade ou diplomacia, uma vez que o verdadeiro timoneiro da Igreja é Jesus Cristo que garantiu que as forças do mal não predominarão sobre a Igreja (Mt 16,18).

Esta percepção da Igreja e do Papa é fundamental para compreender como a Igreja conseguiu superar as perseguições, os escândalos e o sofrimento das catacumbas. Uma prova evidente de que a Igreja é uma instituição divina se encontra no fato de que no decorrer de dois milênios ninguém tenha conseguido destruí-la, nem os Papas, nem os Bispos, nem os Padres, nem os Frades, nem as Freiras, nem os Teólogos, nem os cristãos!

O fundador da Igreja morreu na cruz e ressuscitou, por isso a Igreja não tem medo da sexta-feira da paixão, porque não a vive como uma derrota, mas como um prelúdio da vitória e da ressurreição. Por essa razão uma coisa é certa: a Igreja é o barco que procede seguro nos mares mais tempestuosos e é sempre ela que, basicamente, nos salva e não somos nós que a salvamos!

#### **2.4. VIDA CONSAGRADA: TAMBÉM REALIDADE VISÍVEL E DE GRAÇA**

A vida consagrada está inserida na Igreja e também enfrenta os mesmos problemas de uma realidade social atravessada por fragilidades que a caracterizam.

Um exemplo disso é perceptível em termos numéricos quando pensamos na pequenez da vida consagrada: todos os religiosos e religiosas do mundo, pertencentes aos Institutos religiosos (cerca de três mil femininos e quinhentos masculinos), são menos do que o fermento evangélico, ou seja, somam aproximadamente um milhão de membros; contudo, os religiosos e religiosas estão envolvidos em uma grande quantidade de obras, cujos problemas de manutenção, de funcionalidade, de gestão e de recursos humanos são enormes. Pensemos à crescente fraqueza de tantos membros de Institutos que desistem de seus compromissos religiosos e de sua própria vocação, tal fato influencia a duração de um Instituto e pode conduzir à sua extinção. De fato, muitos Institutos desapareceram, muitas casas religiosas, conventos e mosteiros foram fechados, tantas obras sociais como escolas, hospitais e estruturas assistenciais encerraram as suas atividades; todavia, essas dissoluções não equivalem à extinção da vida consagrada.

Caso as grandes Ordens religiosas desaparecessem (beneditinos, franciscanos, dominicanos, agostinianos, jesuítas, salesianos etc.), temos a certeza de que a vida consagrada continuaria a existir, conservando todo o seu fascínio e o seu valor. De fato, o Espírito Santo continuaria a suscitar na Igreja um novo entusiasmo em novas formas de vida consagrada. A Igreja não pode existir sem vida consagrada.

## 2.5. NO QUE CONSISTE O PERENE FASCÍNIO DA VIDA CONSAGRADA?

S. João Paulo II oferece a melhor resposta nos três capítulos que articulam a Carta Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata* (25 de março de 1996), um documento que ainda não foi superado em relação à riqueza de doutrina e de práxis:

1. *Confessio Trinitatis*: nas fontes cristológico-trinitárias da vida consagrada.
2. *Signum Fraternitatis*: a vida consagrada, sinal de comunhão na Igreja.
3. *Servitium Caritatis*: a vida consagrada, epifania do amor de Deus no mundo.

Essas três dimensões fundamentais são complementares e contemporâneas, oferecendo o melhor da vida consagrada, tanto na perspectiva divina quanto naquela humana.

### 2.5.1. Vida consagrada: rastro da Trindade na história

O Papa afirma que a vida consagrada, vista da perspectiva do Deus-Trindade, é “um dos rastros concretos que a Trindade deixa na história, para que os homens possam sentir o encanto e a saudade da beleza divina” (VC 20).

Essa definição denota uma profunda doutrina e uma mensagem atual, além de salientar o porquê existe a vida consagrada na Igreja: para ser um sinal e uma marca da Trindade nos sulcos da história, para suscitar na Igreja e no mundo fascínio e saudade, para irradiar alento espiritual, para emanar o perfume de Deus, para entusiasmar e conduzir os corações à intimidade da vida de Deus! Recordamos que o S. P. Agostinho utiliza, na *Regra*, a expressão latina *in Deum*, ou seja, orientados para Deus.

A vida consagrada deriva, antes de tudo, de uma perspectiva descendente de Deus em direção ao homem, em vez de uma consideração funcional ou uma visão ascendente.

### 2.5.2. Vida consagrada: iniciativa e dom da Trindade

Segundo o Papa, a vida consagrada é uma iniciativa e um dom pessoal de Deus Trindade:

1. É iniciativa do Pai que atrai a si e chama a uma dedicação incondicionada de toda a existência, para conformar-se a Cristo.
2. É iniciativa do Filho que pede o envolvimento total da pessoa, o abandono de tudo e o colocar-se nos seus rastros, para conformar-se a Ele.
3. É iniciativa do Espírito Santo que suscita o desejo de uma resposta plena até fazer a pessoa cristiforme (VC 17; 19).

A vida consagrada é dom da Trindade, pois os conselhos evangélicos “são expressão do amor que o Filho nutre pelo Pai na unidade do Espírito Santo” (VC 21):

- A castidade constitui um reflexo do amor infinito que liga as três Pessoas divinas na profundidade misteriosa da vida trinitária.
- A pobreza se torna expressão do dom total de si que as três Pessoas divinas fazem reciprocamente.
- A obediência manifesta a beleza vibrante de uma dependência filial e não servil, rica de sentido, de responsabilidade e animada pela confiança recíproca, que é reflexo na história da correspondência das três Pessoas divinas (VC 21).

### **2.5.3. Vida consagrada: confissão da Trindade**

Em resposta à iniciativa e ao dom da Trindade, a vida consagrada “torna-se, assim, confissão e sinal da Trindade, cujo mistério é indicado à Igreja como modelo e fonte de toda a forma de vida cristã” (VC 21). *Confessio Trinitatis* (Confissão da Trindade) é um título especial que indica a identificação conformativa a Cristo.

A vida fraterna, em virtude da qual as pessoas consagradas se esforçam por viver em Cristo com “um só coração e uma só alma” (At 4,32), se apresenta como uma eloquente confissão trinitária. Confessa o Pai, que quer fazer de todos os homens uma só família; confessa o Filho encarnado, que congrega os redimidos na unidade, apontando o caminho com o seu exemplo, a sua oração, as suas palavras e, sobretudo, com a sua morte, fonte de reconciliação para os homens divididos e dispersos; confessa o Espírito Santo, como princípio de unidade na Igreja, onde não cessa de suscitar famílias espirituais e comunidades fraternas (VC 21).

Os consagrados e consagradas devem sempre lembrar-se de terem sido escolhidos “para amar, louvar e servir” (VC 111). A oração oficial do Ano do carisma celebrado na nossa Ordem em 2019 contém todos esses elementos trinitários.

### **2.5.4. Vida consagrada: *sequela Christi***

Na cruz o amor virginal de Jesus “pelo Pai e por todos os homens atingirá a máxima expressão; a sua pobreza chegará ao despojamento total; a sua obediência irá até ao dom da vida” (VC 23). O Calvário é o lugar da suprema manifestação da beleza, do poder e da superabundância do amor. Todas as vocações, especialmente a consagração religiosa, encontram a inspiração da própria existência no calvário e na contemplação do Cristo crucificado. “A pessoa consagrada [...] experimenta a verdade de Deus Amor de modo tanto mais imediato e profundo quanto mais se aproxima da Cruz de Cristo” (VC 24).

Essa essencial relação ao Cristo garante à vida consagrada a famosa definição: *sequela de Cristo*, isto é, conformação total a Cristo e não somente um genérico convite a ter nele o ponto de referência. Jesus Cristo é o primeiro consagrado, logo o religioso é um memorial vivo do modo de existir de Cristo. Por meio dos conselhos evangélicos, os consagrados não fazem apenas do Cristo o sentido de sua vida, como todos os cristãos, mas procuram reproduzir em si mesmos a sua forma de vida casta, pobre, obediente e humilde (VC 16).

A profissão dos conselhos evangélicos não é uma escolha de valores abstratos, mas é uma opção por uma pessoa: Jesus Cristo pobre, casto, obediente e humilde. O Papa cita o S. P. Agostinho ao afirmar: “Não esqueçais que vós, de modo muito particular, podeis e deveis dizer não só que sois de Cristo, mas que ‘vos tornastes Cristo’” (In Ev. Ioan. 12,8; VC 109). Por isso que a vida consagrada é uma existência tocada pela mão de Cristo, transfigurada, preenchida pelo amor; uma existência cristiforme em louvor à Trindade (VC 35; 40; 104; 105; 110).

### **2.5.5. Vida consagrada: sinal de comunhão na Igreja e espaço humano habitado pela Trindade**

O Papa acrescenta:

Na vida de comunidade, também se deve tornar-se de algum modo palpável que a comunhão fraterna, antes de ser instrumento para uma determinada missão, é espaço teológico, onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado [...]. É precisamente Ele, o Espírito, que introduz a alma

na comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo (1Jo 1,3), comunhão essa que é a fonte da vida fraterna (VC 42).

Antes disso, o Pontífice havia dito: “A vida fraterna, concebida como vida partilhada no amor, é sinal eloquente da comunhão eclesial” (VC 42). A vida consagrada é essencialmente *sentire cum Ecclesia*, ou seja, ter o sentido vivo da Igreja: “pede-se às pessoas consagradas para serem verdadeiramente peritas em comunhão e praticarem a sua espiritualidade, como testemunhas e artífices daquele projeto de comunhão que está no vértice da história do homem segundo Deus” (VC 46).

Os consagrados, de fato, não fazem uma escolha, mas são escolhidos e reunidos pelo Espírito Santo em torno ao Senhor para fazer uma experiência de vida pascal, para viver intensamente o mistério de comunhão da Igreja e da Trindade, para expressar profundamente a presença do Senhor ressuscitado, enfim para aprender a amar-se com o amor de Cristo.

### 2.5.6. Vida consagrada: epifania do amor de Deus no mundo

O fascínio da vida consagrada é perceptível também em seu aspecto missionário. A missão não é um acréscimo necessário à consagração, mas é uma sua dimensão constitutiva essencial. Somos “consagrados para a missão” (VC 72).

O Papa tem em mente o grande número de religiosos e religiosas que se dedicaram a diversos campos de apostolado: “A vida consagrada, pelo menos nos períodos melhores da sua longa história, caracterizou-se por este ‘lavar os pés’” (VC 75). “A busca da beleza divina impele as pessoas consagradas a cuidarem da imagem divina deformada nos rostos de irmãos e irmãs: rostos desfigurados [...] humilhados [...] assustados [...] angustiados [...] cansados” (VC 75).

O Papa evidencia ainda que o fascínio próprio da missão da vida consagrada é também uma epifania do amor de Deus no mundo. A consagração é em si mesma missão que, “antes de ser caracterizada pelas obras externas, define-se pelo tornar presente o próprio Cristo no mundo, através do testemunho pessoal” (VC 72). “A contribuição específica dos consagrados e consagradas para a evangelização consiste, primariamente, no testemunho de uma vida totalmente entregue a Deus e aos irmãos, à imitação do Salvador que Se fez servo, por amor do homem” (VC 76).

## 2.6. FASCÍNIO SEMPRE NOVO

O fascínio da vida consagrada é assim justificado por estas reflexões do Papa. Tal encanto deve ser guardado e alimentado, por isso o Pontífice exorta os consagrados e consagradas nos seguintes termos:

1. **Dai-lhe tudo:** “O mundo e a Igreja procuram autênticas testemunhas de Cristo [...]. Dar testemunho de Cristo com a vida, com as obras e com as palavras, é missão peculiar da vida consagrada na Igreja e no mundo. Vós sabeis em quem pusestes a vossa confiança (2Tm 1,12): dai-Lhe tudo!” (VC 109).
2. **Olhai o futuro:** “Vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar, mas uma grande história a construir! Olhai o futuro, para o qual vos projeta o Espírito a fim de realizar convosco ainda grandes coisas.” (VC 110). A vida religiosa não é somente a memória das maravilhas realizadas por Deus, mas também a profecia da realização cabal da esperança. “Fazei da vossa vida uma ardente expectativa de Cristo, indo ao encontro d'Ele como virgens prudentes que vão ao encontro do Esposo.

Permaneço sempre disponíveis, fiéis a Cristo, à Igreja, ao vosso Instituto e ao homem do nosso tempo” (VC 110).

3. **Fazei dos mosteiros** “um sinal eloquente de comunhão, um lugar acolhedor para aqueles que buscam Deus e as coisas do espírito, escolas de fé e verdadeiros centros de estudo, diálogo e cultura para a edificação da vida eclesial e também da cidade terrena, à espera da celeste” (VC 6). Ao término da história todos seremos julgados sobre o amor; mas desde já “O perfume de alto preço, derramado como puro ato de amor e, por conseguinte, fora de qualquer consideração ‘utilitarista’, é sinal de uma superabundância de gratuidade, como a que transparece em uma vida gasta a amar e a servir o Senhor, a dedicar-se à sua Pessoa e ao seu Corpo Místico. Mas é desta vida « derramada » sem reservas que se difunde um perfume que enche toda a casa” (VC 104).

Os consagrados são testemunhas e missionário do Amor! Isso é maravilhoso!

## CAPÍTULO 3.

# O PERENE FASCÍNIO DA VIDA CONSAGRADA AGOSTINIANA

### 3.1. UMA IMPORTANTE CONSIDERAÇÃO

O esclarecimento a respeito do sentido do termo carisma e de outros termos que a ele se conectam e fazem parte do vocabulário dos Institutos de Vida Consagrada (espiritualidade, talentos, constituições), além da abordagem do perene fascínio da vida consagrada que brota da compreensão de sua natureza, prepararam a aproximação ao perene fascínio da vida consagrada agostiniana, na qual está inserido o carisma próprio dos Agostinianos Descalços.

De fato, somos agostinianos e somos descalços: dois termos distintos com significado próprio, mas convergentes entre si e que formam uma dicotomia, cujo significado caracteriza a identidade dos Agostinianos Descalços.

### 3.2. SOMOS AGOSTINIANOS

Somos **agostinianos**:

1. Porque nascemos ao interno da Ordem agostiniana, como atuação e desenvolvimento do decreto *Et Quoniam Satis* de reforma da Ordem, promulgado pelos Vocais do centésimo Capítulo geral de 19 de maio de 1592.
2. Porque os primeiros Agostinianos Descalços foram agostinianos que se dispuseram a atuar o decreto do Capítulo geral.
3. Porque o Prior geral da Ordem, Fr. Andrea Securani, reconheceu juridicamente a Reforma com o decreto *Cum Ordinis nostri splendorem* de 16 de novembro de 1593.
4. Porque professamos a mesma *Regra* do S. P. Agostinho.
5. Porque as primeiras *Constituições* da nascente Congregação foram redigidas a exemplo das agostinianas, chamadas de tridentinas, de 1581.
6. Porque os religiosos da nova Congregação tiveram no S. P. Agostinho o seu referencial, como inspirador e pai.

Somos **agostinianos** por tudo o que este adjetivo contém: a riqueza de conteúdos da espiritualidade do S. P. Agostinho e a tradição plurissecular da Ordem agostiniana.

### 3.3. SOMOS DESCALÇOS

Somos **descalços**:

1. Porque nossos primeiros frades assumiram os conteúdos de radicalidade evangélica promovidos pelo Concílio de Trento e pelos Superiores da Ordem, sendo que tais conteúdos eram comumente reconhecidos no adjetivo descalços.
2. Porque nossos frades professaram o voto de humildade a partir de 10 de dezembro de 1599.
3. Porque nossos frades continuam acolhendo e defendendo esses valores ascéticos, apesar das mudanças ocorridas na vida consagrada.

Somos **descalços** por tudo o que este adjetivo expressa: os valores da vida consagrada e da inerente radicalidade.

Portanto, não somos apenas agostinianos, não somos apenas descalços, mas somos Agostinianos Descalços.

### **3.4.O SER AGOSTINIANO DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS NAS *CONSTITUIÇÕES***

As nossas *Constituições* vigentes colaboram na verificação do ser agostiniano dos Agostinianos Descalços. Esse texto legislativo manifesta o nosso grau de fidelidade ao S. P. Agostinho e à vida agostiniana que dele teve seu início em Tagaste (Argélia) em 388.

As nossas *Constituições* foram revisadas após o Concílio Vaticano II para conformá-las aos decretos conciliares. A primeira parte é dedicada à NATUREZA, ESPIRITUALIDADE, FINALIDADE DA ORDEM e sintetiza em dez números os pilares fundamentais sobre os quais o S. P. Agostinho, e nós, com ele, queremos que se fundamente a nossa específica forma de vida consagrada que foi concebida pelo Bispo de Hipona e presenteada à Igreja.

Os dez números iniciais consideram um amplo leme de temas que mostram a 360° a riqueza e o fascínio da espiritualidade agostiniana. Diante desta ampla visão de assuntos, resultam redutivas e pobres as formulações unívocas que enfatizam apenas um elemento e negligenciam os demais. Isto ocorre, por exemplo, na tentativa de reduzir o S. P. Agostinho em uma única categoria como: filósofo, teólogo, místico, pastor, apóstolo, doutor etc. O mesmo ocorre na tentativa de reduzir a sua espiritualidade em um único princípio como: interioridade transcendente, vida comum, contemplação, busca de Deus, ação missionária, comunhão de bens, conversão, caridade, humildade etc.

O S. P. Agostinho é exterior a qualquer medida redutiva, pois ele é ao mesmo tempo: homem, convertido, monge, místico, pastor, teólogo, bispo, orador, testemunha e apóstolo da misericórdia, ministro da palavra e dos sacramentos, amigo, irmão, pai etc.; do mesmo modo, a sua espiritualidade é um grande prisma que contém harmoniosamente todos estes elementos.

As nossas *Constituições* oferecem muitos pilares da vida consagrada agostiniana, segundo uma perspectiva: canônica, evangélica, trinitária, cristológico-eclesial, contemplativa, apostólica, comunitária, penitencial e mariana. Cada um destes pilares gera outros temas de vida espiritual que aprimoram a riqueza, o frescor e a atualidade da vida consagrada agostiniana descalça.

#### **3.4.1. Colocação canônica na Igreja**

As *Constituições* oferecem como primeiro pilar a necessidade de manter os pés no chão e o coração no alto, uma vez que o inserimento no corpo eclesial exige a clareza da própria colocação canônica.

Faz-se necessária uma precisa configuração jurídica, oficialmente sancionada, um estado canônico de vida consagrada, uma segurança do próprio lugar que sirvam para serenidade e a harmonia nas relações; pois, a insegurança é fonte de instabilidade, incompreensões e atritos. Por isso que as *Constituições* descrevem logo no início a natureza canônica da Ordem dizendo, entre outras coisas, que ela é um Instituto clerical, isento, de direito pontifício, formado por religiosos clérigos e religiosos irmãos (Const. 1-2).

### 3.4.2. Vida evangélica

Outro pilar é constituído pela referência ao Evangelho e ao amor. De fato, toda forma de vida, tanto cristã quanto consagrada, não seria autêntica se não fosse vida evangélica, ou seja, vida de santidade como busca apaixonada pela perfeição do amor.

As *Constituições*, porém, não se limitam em mostrar o estilo evangélico da vida, o texto vai além ao evocar: o auxílio da graça, o modelo da primeira comunidade agostiniana de Tagaste, a peculiar atitude de humildade e o específico caminho agostiniano de busca pessoal e comunitária do Amor que é Deus ou de Deus que é Amor.

Os Agostinianos Descalços [...] têm a intenção, com o auxílio da graça, de alcançar a perfeição do amor evangélico, buscando a Deus e alegrando-se comunitariamente, em uma peculiar atitude de humildade, porque Deus é bem comum, não particular, sendo também o maior de todos os bens (Const. 3).

### 3.4.3. Vida trinitária

Outro pilar é constituído pela proposta de vida trinitária. De fato, a dimensão trinitária foi uma grande preocupação do S. P. Agostinho, tanto que ele escreveu a volumosa obra *A Trindade*, fruto de suas meditações quotidianas por mais de quinze anos.

A vida trinitária faz parte do DNA de todo ser humano criado a imagem e semelhança de Deus, porém o que significa viver uma vida trinitária? As *Constituições* indicam que é “tornar nítida sua imagem, impressa na alma, porém ofuscada pelo pecado; vir a ser ‘posse’ de Deus; edificar-se como templo de Deus” (Const. 4). Tudo isso ilumina e enriquece o tema da interioridade transcendente, da qual muitas vezes se fala em um contexto simplesmente filosófico ou psicológico.

### 3.4.4. Vida cristológico-eclesial

Outro pilar é constituído pela referência cristológico e eclesial. Essa característica de vida é uma parte constitutiva e define a própria vida consagrada como *sequela Christi*.

As *Constituições* possuem uma significativa e agostiniana peculiaridade: a fusão da dimensão cristológica e eclesial, próprio como fazia o S. P. Agostinho ao citar *Christus totus* (Cristo total), ou seja, o Cristo cabeça e o Cristo corpo. Com efeito, o Cristo e a Igreja forma um único mistério, no qual o batismo insere cada cristão.

Essa referência à união Cristo e Igreja era constante na pregação do S. P. Agostinho e encontra-se especialmente no *Comentário aos Salmos*. O nosso texto legislativo fornece positivas indicações que estão vinculadas à alegria e à esperança na vivência profunda desse mistério:

Colocando o fundamento e a esperança em Cristo, caminho e fim da caminhada de fé; imitando fielmente Cristo na alegria do cântico novo; tornando-se membros escolhidos do corpo místico, o Cristo total, empenhados na edificação da cidade de Deus; oferecendo-se diante do mundo como modelo de pequena Igreja, sendo a comunidade a parte mais nobre da veste de Cristo (Const. 5).

### 3.4.5. Vida contemplativa

O S. P. Agostinho explica no *Sermão 169*, quando se refere às duas irmãs Marta e Maria e ao julgamento de Jesus a respeito de Maria, que ela havia escolhido a melhor parte melhor porque preferiu sentar-se a seus pés e escutar sua palavra:

Que significa a parte melhor? A contemplação? E que significa a contemplação? Viver da Palavra: agora da palavra que tem som; no futuro da Palavra que não terá mais som algum. A Palavra de por si é a vida. Por isso é melhor a vida contemplativa do que a vida ativa: esta era a única coisa: saborear a doçura do Senhor (Serm. 169,14,17).

Sendo assim, outro pilar destacado pelas *Constituições* é a contemplação que:

reúne na interioridade, diante da dispersão exterior; dispõe ao diálogo sobrenatural com Deus, tanto pessoal como comunitário; torna dóceis às moções do Espírito Santo; induz a viver nossa vida como perene louvor a Deus, pois “a maior obra do homem é somente louvar a Deus” (In Ps. 44,9); dispõe ao estudo da Sagrada Escritura e das coisas divinas (Const. 6).

A vida contemplativa é uma escolha de grande valia, contudo ela não deve ser pensada como uma fuga dos compromissos nem como um simples debulhar terços. A vida contemplativa constitui o *sanctum otium*, ou seja, o exercício mais sublime da interioridade transcendente, a vida segundo o Espírito, “o amor da verdade busca a quietude da contemplação” (De Civ. Dei 19,19).

### 3.4.6. Vida apostólica

O S. P. Agostinho aborda no *Sermão 78* o anseio do apóstolo Pedro de permanecer no monte Tabor a contemplar a beleza da transfiguração:

Desce, Pedro; desejavas descansar no monte: desce; prega a palavra de Deus, insiste em cada ocasião oportuna e importuna, repreende, exorta, encoraja usando toda tua paciência e capacidade de ensinar. Trabalha, cansa muito, aceita mesmo com sofrimento e suplícios a fim de que tu possuas na caridade o que é simbolizado no candor das vestes do Senhor mediante a brancura e a beleza das boas obras (Serm. 78,6).

Outro pilar evidenciado pelas *Constituições* é o apostolado, o qual é parte constitutiva da vida cristã e religiosa. A vida apostólica não é um opcional nem um acréscimo, uma vez que “a necessidade da caridade pede um justo agir” (De Civ. Dei 19,19).

A contemplação e a ação não podem ser simplesmente justapostas uma à outra, mas elas devem completar-se e fundir-se. Por isso as *Constituições* afirmam que “a contemplação agostiniana deve ser ela mesma apostolado fecundo e busca apaixonada de formas pastorais que nos propiciem levar o próximo a louvar a Deus, mediante todos os valores” (Const. 7). Em suma, a história comprova que os melhores contemplativos foram e continuam sendo os melhores apóstolos, e os melhores apóstolos foram e continuam sendo os melhores contemplativos.

### 3.4.7. Vida de comunhão e de comunidade

O S. P. Agostinho sublinha a importância de dois termos complementares entre si no início da *Regra*: “Primeiro preceito: vivam unânimes [em comunhão] na casa [em comunidade]”

(Reg. 3). Esses conceitos estão profundamente relacionados, assim como a alma se relaciona ao corpo, e vice-versa, na definição do homem.

A alma (comunhão) recebe grande ênfase, mas sozinha ela não constitui o ser humano. Da mesma forma, o corpo (comunidade) é importante, mas isolado é apenas um cadáver. Por isso que as *Constituições* acrescentam outro pilar e recomendam que nossos frades:

Realizam a ascese na plenitude da vida comunitária, segundo o modelo da primeira comunidade de Jerusalém. A alma da vida comum é a caridade. Ela: modera a alimentação, as conversas, o modo de vestir e as atitudes; não deixa possuir nada em particular; vivifica a atividade apostólica dos indivíduos, de modo que exprima a unidade dos corações: “muitos corpos, mas não muitas almas; muitos corpos, mas não muitos corações”; cultiva o diálogo e a amizade espiritual; visa a formar “uma só alma, a única alma de Cristo” (Epist. 243,4) sem mortificar a personalidade de cada religioso, antes, revigorando-a e fazendo-a crescer mais (Const. 8).

O equilíbrio entre comunhão e comunidade evita o risco de transformar a comunhão em uma simples amizade ou em um genérico queremos-nos bem.

### **3.4.8. Vida de ascese**

O apóstolo Paulo afirma que “carregamos tesouros em vasos de argila” (2Cor 4,7), logo é necessária a ascese para ajudar a salvar os grandes valores que estão neles depositados. O S. P. Agostinho também dedica um capítulo da *Regra* a este tema que encontra ampla repercussão em nossa Ordem, a qual fora uma Reforma surgida no clima de austeridade típico do séc. XVI caracterizado pelo retorno da radicalidade evangélica.

A Ordem permaneceu sempre fiel a estes valores mediante uma vida moderada e de mortificação, isso se reflete na manutenção do adjetivo descalços e do voto de humildade. Sendo assim, as *Constituições* acrescentam a vida de ascese como outro pilar e recomendam que nossos frades acreditem firmemente na ascese e sejam fiéis em praticá-la: “[a ascese] favorece a pobreza, a mortificação e o desapego do mundo; forma mãos disponíveis ao serviço de Deus e do próximo; facilita a vida fraterna na comunidade” (Const. 9).

Enquanto que a ascese é um meio, o ascetismo é um fim. O valor inerente destes termos não pode ser confundido: a ascese tem valor se permanece como um meio que ajuda o cristão a ser livre e determinado no compromisso de buscar a santidade e de viver a consagração; contudo, se a ascese será digressiva caso ela se torne um fim, uma vez que não se alcança a santidade na prática de mortificações, mas no amor que impele à ação. Em suma, a ascese deve ser sempre moderada para não decair no ascetismo, cujo sustento pode ser o orgulho.

### **3.4.9. Vida mariana**

Há um secular axioma que indica a característica mariana de qualquer caminho de santidade: *ad Iesum per Mariam*. A mãe de Jesus está sempre presente, desde o berço de Belém até o calvário de Jerusalém. Na hora da morte Jesus entregou a sua Mãe ao discípulo amado, o qual também foi entregue à Mãe como um filho. A partir desse momento, o discípulo a tomou consigo.

O último pilar proposto pelas *Constituições* é a devoção mariana, pois a nossa Ordem e todos os Agostinianos Descalços tomaram consigo a Mãe de Jesus. Dentre os títulos com os quais a Ordem a contemplou (Mãe da Graça, do Socorro, do Bom Conselho etc.) destaca-se o de Mãe da Consolação, ou seja, Mãe daquele que constitui a consolação e a paz do inquieto coração

humano. As *Constituições* se referem a Maria como aquela que “alimenta com suaves afetos a vida do coração e faz da comunidade uma família.” (Const. 10).

Portanto, a essência agostiniana dos Agostinianos Descalços e o fascínio da vida consagrada agostiniana mantêm a sua veracidade, continuando a irradiar na atualidade Igreja e procurando tornar o mundo melhor.

## CAPÍTULO 4.

# O PERENE FASCÍNIO DA VIDA CONSAGRADA DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS

O esclarecimento a respeito do perene fascínio da vida consagrada agostiniana e da essência agostiniana dos Agostinianos Descalços que, de acordo com as nossas *Constituições*, possuem uma característica canônica, evangélica, trinitária, cristológico-ecclesial, contemplativa, apostólica, comunitária, penitencial e mariana, permitiria a definição do carisma próprio dos Agostinianos Descalços; contudo, o nosso texto legislativo apresenta ainda outros importantes elementos que devem ser evidenciados.

### 4.1. LITURGIA DA VIDA

#### 4.1.1. Ato cultural

O ato cultural é um dos elementos que mostram a vida consagrada como liturgia da vida. Tal ato responde ao princípio fundamental da antropologia agostiniana que é o louvor de Deus. O S. P. Agostinho afirma: “A máxima atividade do homem é louvar a Deus” (In Ps. 44,9). Do mesmo modo, as *Constituições* declaram:

A vida religiosa, em todas as expressões, é culto perene a Deus que exige que seja colocado acima de tudo o testemunho da contemplação das coisas divinas e da união constante com Deus, na oração como alma da vida consagrada, comunitária e apostólica (Const. 11).

Por este motivo que as atuais *Constituições*, aprovadas pela Santa Sé em 21 de novembro de 2019, dão continuidade às redações precedentes e dedicam o primeiro capítulo da primeira seção da segunda parte, que trata da VIDA DA ORDEM, à VIDA LITÚRGICA.

O elemento cultural é a chave de leitura dos quatro capítulos que constituem a segunda parte; contudo, o ato cultural não é limitado à vida litúrgica, uma vez que contém também a vida consagrada, a vida comum e a vida apostólica. Assim lemos no início de cada um dos quatro capítulos:

[Vida litúrgica] Para cumprir a atividade suprema do homem, que é o louvor a Deus, e para alcançar a unidade das mentes e dos corações em Deus, devem antepor a qualquer ação de nossa vida o culto litúrgico (Const. 12).

[Vida consagrada] O verdadeiro culto a Deus consiste na doação plena a seu amor: esta é a verdadeira religião, esta é a reta piedade, este o verdadeiro serviço de Deus. [...] Que doação ofereceremos, pois, a Deus, senão a vontade de sermos seu templo? Nada mais aceitável poderemos oferecer-lhe, do que repetir o que está escrito em Isaías: “Toma posse de nós” (Const. 22).

[Vida comum] Seguindo a exortação da Regra, esforçam-se por realizar nas Casas uma perfeita vida comum na observância das mesmas regras, animados pelo mesmo Espírito. Também a uniformidade exterior favorece e expressa a unidade dos corações: esta é a oferta sacrificial dos cristãos: muitos, mas um só corpo em Cristo (Const. 44).

[Vida apostólica] A atividade apostólica, que brota da íntima união com Deus, faz parte da natureza da vida religiosa: Verdadeiro sacrifício é toda boa obra pela qual nos empenhamos em nos unir com Deus, em uma santa comunhão, de forma que seja referida ao bem supremo (Const. 53).

Essas citações destacam a beleza da vida consagrada como uma liturgia da vida.

#### **4.1.2. Hóstia viva, santa e agradável**

A dimensão cultural da vida consagrada agostiniana descalça demanda uma especial atenção em relação à fórmula de consagração e ao rito de iniciação à vida religiosa.

O Superior, de acordo com o *Ritual*, dirige a seguinte pergunta aos que estão prestes a ingressar no noviciado ou a emitir a profissão: “Irmãos caríssimos, o que pedis?”; eles respondem: “A misericórdia de Deus, a cruz de Cristo e a comunidade dos irmãos” (Rit. 337; 354).

No momento da consagração, este pedido da cruz de Cristo se torna uma oferta sacrificial da própria vida para se tornar uma hóstia viva, santa e agradável: “Peço-te, portanto, Reverendíssimo Padre N., Prior geral da Ordem (ou: Reverendo Padre N., representante do Prior geral da Ordem, Padre N.), aceitar em nome da Igreja e da Ordem minha profissão (solene) com a qual apresento à Santíssima Trindade minha vida para que seja hóstia viva, santa e agradável” (Const. 107).

Isso evidencia mais uma vez a beleza da vida consagrada como liturgia da vida, na qual cada um participa como sacrifício em Cristo e com Cristo.

### **4.2. ANDAR DESCALÇOS**

A descalcez é outro pilar fundamental dos Agostinianos Descalços e das Congregações de Reforma que, no clima de restauração da vida religiosa, surgiram nos séc. XVI-XVII (Carmelitas Descalços, Trinitários Descalços, Mercedários Descalços, Agostinianos Descalços).

Andar descalços significava andar sem calçados fechados e usando sandálias sem meias. Este gesto material era uma opção concreta facilmente reconhecida como expressão de radicalidade evangélica e como sinal repleto de um vasto conteúdo espiritual (pobreza, mortificação, humildade e conversão).

#### **4.2.1. Pobreza**

Andar descalços exprimia a voluntária expropriação dos bens materiais a fim de depositar a segurança somente em Deus. O próprio Jesus tinha sido exigente neste sentido: “Recomendou-lhes que nada levasse para o caminho, a não ser um cajado apenas; nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto; mas que andassem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas” (Mc 6,8-9).

O S. P. Agostinho afirma: “Nada chameis, por isto, propriedade vossa, mas tudo seja comum entre vós” (Reg. 4). Tudo devia ser austero: celas, vestimentas e objetos de uso. As exigências da pobreza entre os Agostinianos Descalços eram no início da Reforma muito severas, de tal modo que as comunidades não podiam possuir bens imóveis.

#### **4.2.2. Humildade**

Andar descalços era um sinal material com um profundo significado espiritual de expropriação dos bens materiais. A radicalidade evangélica envolvia, sobretudo, a dimensão interior do ser humano. Os perigos não vinham somente da cobiça de possuir bens materiais, mas também da avidez pelos bens espirituais: honra, glória e poder. Deste modo, a humildade é o sentido último e mais profundo da descalcez e da pobreza evangélica.

As *Constituições* citam o Ven. Fr. Giovanni Nicolucci de S. Guilherme na interpretação da famosa expressão contida no *Livro do Êxodo*: “Tira as sandálias” (Ex 3,5): “Entra descalço nesta terra, pois é santa. Desnuda os pés, isto é, os afetos de tua alma, para que fiquem nus e livres” (*A escada dos Quinze Graus*, grau V; Const. 9). O Fr. Ignazio Barbagallo fornece uma preciosa colaboração sobre o tema na obra *Tira as Sandálias... a terra que estas pisando é santa* (Ex 3,5): *A espiritualidade dos Agostinianos Descalços* (1978).

#### **4.2.3. Mortificação**

Estas opções evangélicas são categoricamente divergentes em relação às escolhas mundanas. Logo, faz-se necessário o devido suporte mediante a mortificação, a vigilância, a oração e a ascese para não cair na tentação e para não negligenciar o propósito de morrer ao homem velho e ressurgir ao homem novo.

O princípio que animava a austeridade desse grande projeto de desapego material não era o pessimismo ou a visão maniqueia da vida, mas o sadio realismo cristão, baseado na convicção de que carregamos tesouros em vasos de argila e no desejo de participar profundamente ao mistério pascal da Redenção de Cristo.

Os frades que andavam descalços desejavam, sobretudo, conformar-se ao próprio Cristo, o único e divino modelo, o Servo de JHWH que manifestou a beleza do Reino e se tornou um sinal eloquente dos valores escatológicos da vida eterna.

#### **4.2.4. Conversão**

O termo conversão descreve convenientemente esse vasto movimento de Reforma na Igreja e nos Institutos religiosos, dado que denota a ideia de mudança, de inversão de marcha, de caminho novo no Espírito.

Atualmente o vocábulo é comumente entendido como um ato único inserido na vida de um indivíduo que inicia uma nova viagem existencial, contudo o seu significado é muito mais amplo, pois envolve toda a existência em seu desenvolvimento quotidiano.

A conversão não é apenas um gesto, mas um estilo, um modo de entender, de ser e de viver a vida cristã e religiosa. A conversão aspira ao melhor e escolhe pontualmente o que for melhor.

Isto não significa que a conversão ocorre no cumprimento das normas cristãs, mas vivendo de forma cristã é que a conversão acontece. Por isso, os religiosos que andavam descalços adotavam também leis mais rígidas, vestiam um hábito mais pobre, mudavam de nome e dedicavam muito mais tempo à meditação.

### **4.3. VOTO DE HUMILDADE**

A virtude da humildade era uma parte essencial da descalcez e da radicalidade evangélica, por isso os religiosos a escolhiam conscientemente; contudo, o voto de humildade não constituía

o projeto de Reforma. Sendo assim, os primeiros Agostinianos Descalços não codificaram o voto de humildade nas primeiras *Constituições* de 1598, muito menos professaram tal voto.

A iniciativa de introduzir o voto de humildade (inicialmente chamado voto de não ambicionar) foi do carmelita descalço espanhol Fr. Pietro Villagrassa da Mãe de Deus, o qual fora posto como Superintendente apostólico da nossa nascente Congregação pelo Papa Clemente VIII.

A primeira vez que nossos frades emitiram o voto de humildade foi no dia 10 de dezembro de 1599 na igreja de S. Stefano Rotondo, em Roma. Alguns religiosos não aderiram à inclusão e decidiram sair da nascente Congregação para voltar à Ordem agostiniana.

O Superintendente permaneceu inamovível, pois quem ingressava na Congregação deveria emitir o voto de não ambicionar. Esta obrigação será sucessivamente codificada nas *Constituições* revisadas em 1609 e em 1620, todavia não foram apresentadas particulares motivações nem a descrição prática da matéria do voto, à qual os sucessivos Definitórios gerais irão providenciar.

Estas *Constituições* vigoraram por três séculos, quando foram revisadas e adaptadas em 1931 ao novo *Código de Direito Canônico* de 1917. A inicial rejeição poderia levar, depois de tantos séculos, à remoção do voto de humildade das novas *Constituições*, porém o voto foi considerado como nossa carteira de identidade: *quasi tessera vitae* (Const. 100). A seguinte codificação de 1969 adaptou o texto legislativo aos documentos do Concílio Vaticano II, afirmando que o voto de humildade constitui o “peculiar sinal da Ordem” (Const. 40).

#### **4.4. DIFICULDADE, APESAR DE TUDO, DE DEFINIR O CARISMA**

A abordagem destes importantes pilares conduz à importante pergunta: Qual é sinteticamente o carisma próprio dos Agostinianos Descalços? Como ele é definido? Qual é o elemento específico que o distingue das outras famílias agostinianas?

As respostas são complexas por uma série de motivos:

1. Porque certas conclusões superam o simples esquema de pergunta e resposta, nem sempre a brevidade de uma resposta expressa a clareza e a profundidade de todo o conteúdo. Isso ocorre, por exemplo, com o salmista diante da pergunta dos pagãos: “Onde está o teu Deus?” Enquanto os pagãos poderiam responder facilmente apontando o dedo para um local onde estava a divindade; o salmista não poderia realizar imagens do sagrado, logo ele responde indicando a beleza e a harmonia de toda a criação, a qual eleva à santidade daquele que a criou.
2. Porque é latente o perigo de reduzir o carisma a um detalhe, como se fosse uma posse exclusiva de um Instituto religioso; com efeito, os Institutos religiosos podem ter em comum os mesmos elementos que caracterizam o carisma, mas redigidos de maneira distinta.
3. Porque o carisma consiste em um valor perene que não é estático, congelado e engessado; pelo contrário, o carisma é um valor vivo, dinâmico e destinado a ser transmitido. O carisma está aberto à novidade do Espírito que guia a história, o carisma supera a superficialidade, a improvisação, o laxismo, o imobilismo, o conservadorismo e o rigorismo. O religioso é chamado a escrever no seu Instituto religioso o próprio carisma, mantendo-se fiel à tradição e aos sinais dos tempos.

## 4.5. PROPOSTAS DE DEFINIÇÃO

Percorremos algumas das definições que os Agostinianos Descalços deram do seu carisma ao longo do 428 anos de sua história (1592-2020).

- Algumas definições são redutivas, pois se limitam a evidenciar apenas um elemento, como a caridade, a vida regular, a vida comum, a contemplação, o recolhimento, a humildade, a busca de Deus, a mesclagem contemplação-ação.
- Outras definições privilegiam a aproximação de termos como humildade-caridade ou interioridade transcendente-comunhão eclesial-humildade.
- Outra definição, ainda, sublinha a junção não divisível dos dois termos constitutivos que denominam a Ordem: Agostinianos Descalços.
  - Agostinianos: é um termo que gera toda a essência agostiniana dos temas espirituais e doutrinários comuns às diferentes famílias agostinianas;
  - Descalços: é um termo repleto de elementos penitenciais próprios da Reforma tridentina.

Neste sentido, um agostiniano descalço deveria sempre qualificar-se como tal e não se limitar em dizer agostiniano ou descalço.

- Outra definição é a expressão descritiva no n. 3 das *Constituições* que menciona alguns valores evangélicos e agostinianos que os Agostinianos Descalços devem viver “em uma peculiar atitude de humildade”.
- Fr. Ignazio Barbagallo, grande mestre e testemunha de vida agostiniana, considerava como definição do carisma a frase bíblica escolhida pelo Ven. Fr. Carlo Giacinto Sanguineti de Sta. Maria, fundador do Santuário da Madonnetta em Gênova e gravada no medalhão que está no centro do cornija em torno da ábside da igreja: *Redempti a Domino venient in Sion cum laude* [os redimidos pelo Senhor virão em Sion para cantar o louvor de Deus]; Fr. Ignazio comentava:

Então, o templo vivente dos Agostinianos Descalços, sobre cujo tímpano temos gravada a inscrição: A Jesus manso e humilde de coração, quer alcançar este ideal: fazer com que os redimidos da soberba luciferina, subam ao monte, que é Cristo, e, dentro o santuário erigido no seu cume, que é a Igreja, cantem os louvores na caridade da unidade (Barbagallo, Tira as Sandálias, pp. 179-180).

- Fr. Eugenio Cavallari, Prior geral na ocasião do IV Centenário de fundação dos Agostinianos Descalços (1592-1992), escolheu como síntese do carisma o título de sua Carta direcionada à Ordem: “Servir ao Altíssimo em espírito de humildade”. Esta frase se encontra no Breve *Christi fidelium* do Papa Paulo V, com o qual aprovou as *Constituições* dos Agostinianos Descalços em 1610, e também no Breve *Sacri Apostolatus Ministerio* do mesmo Papa, com o qual aprovava as *Constituições* de forma específica em 1620.
- Fr. Dorian Ceteroni, Prior geral na ocasião do Ano do Carisma (2019), na carta de promulgação do Ano do carisma afirma: “Querendo escolher uma expressão breve e estimulante, capaz de ficar gravada na mente e no coração, fiel ao pensamento de Cristo e de Paulo V, assim sintetizei ‘Felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade’”. Fr. Dorian motiva a escolha pensando em alguns importantes referências bíblicas: “Como não pensar nos cantos do Servo de JHWH em Isaías? Ou aos gestos de serviço de Jesus na última ceia? Ou ao hino da carta aos Filipenses 2, sobre o aniquilamento de Cristo, tão caro a Agostinho?” E assim prossegue:

Em cultura como a nossa que põe a pessoa ao centro de tudo, que idolatra o eu e a auto referência, que faz do elogio e da recompensa imediata o fim do agir humano, essas palavras de Jesus têm certamente um impacto chocante, porque vão contra a corrente. Contudo, essa conotação, à primeira vista negativa e profundamente oposta à cultura dominante, constitui a sua originalidade e a sua força: o Outro antes de mim, o outro mais do que eu. Trata-se de mudar o centro da nossa vida, o seu eixo mais importante. O núcleo da proposta cristã é, por si só, arrasador, no sentido literal da palavra, porque provoca uma reviravolta nos critérios humanos.

#### **4.6. QUAL DEFINIÇÃO PREFERIR?**

Há o embaraço da escolha, talvez a última definição recolhe mais elementos e no momento é a que convém propor, sobretudo se analisada mais a fundo na riqueza de seus detalhes.

De qualquer forma, é claro que o verdadeiro aprofundamento do carisma ao qual somos convidados a refletir não se encontra em uma fórmula quase mágica que contenha o maior número de elementos e forneça uma resposta imediata a quem nos interroga sobre o nosso carisma. Essa resposta, talvez, nunca será encontrada ou sempre sofrerá modificações.

Isso não é um problema, pois a definição do carisma não se reduz a uma frase, mas diz respeito a um conteúdo. A definição é clara e convincente, mesmo que seja longa e descritiva, quando mostra o perene fascínio da vida agostiniana descalça.

A genuína definição do carisma é a alegria que transparece no rosto de cada religioso, feliz por ser agostiniano descalço, sendo assim a definição do carisma dos Agostinianos Descalços se encontra no Ven. Fr. Giovanni Nicolucci, no Ven. Fr. Carlo Giacinto Sanguineti de Sta. Maria, no Ven. Fr. Santo de S. Domingo, no Servo de Deus Fr. Luigi Maria Chmel de Jesus Crucificado, em Mons. Ilario Costa de Jesus, em Fr. Sigismondo Mainardi de S. Nicolau, em Fr. Antero Maria Micone de S. Boaventura e em cada um dos confrades que com uma vida simples, santa e desapegada escreveram e escrevem silenciosamente páginas de história a serviço da Igreja e da sociedade. Cada um é diferente do outro, mas convergentes na mesma matriz de ser e de agir em uma peculiar atitude de humildade.

Homens comuns, frágeis, simples, modestos, humildes, serenos, verdadeiros e com um notável conteúdo humano e espiritual; homens de fé e oração, responsáveis, apaixonados por Deus, pelo o humilde Jesus, pela Igreja, pela humanidade que aspira à unidade; homens obedientes, pobres, castos, que praticam a ascese, que se esforçaram em viver o bem comum, amantes da comunidade, onde programam e realizam juntos os projetos pastorais; homens sem auto referencialidade, que não permaneceram fechados no egoísmo, que possuíam o sentido da história, que estavam abertos à esperança e eram testemunhas de misericórdia; homens “felizes em servir ao Altíssimo em espírito de humildade” (Const. 3), conscientes de que o serviço mais fecundo e eficaz que poderiam oferecer é, como se lê na fórmula da consagração, o de tornarem-se em Cristo e com Cristo “hóstia viva, santa e agradável” (Const. 107).

## CAPÍTULO 5.

# ILUSTRAÇÃO E LEMA DO ANO DO CARISMA DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS

Detemo-nos na última definição proposta pelo Prior geral, Fr. Dorian Ceteroni, por ocasião do Ano do carisma: “Felizes em servir o Altíssimo em espírito de humildade”. Esta expressão é uma adaptação extraída do Breve *Sacri Apostolatus* do Papa Paulo V, com o qual aos 6 de maio de 1620 aprovou de forma específica as *Constituições* da nascente Congregação dos Agostinianos Descalços.

O marca página com a oração do Ano do Carisma apresentava uma ilustração que representa o S. P. Agostinho no gesto de lavar os pés ao Cristo. Trata-se de uma pintura conhecida que se encontra em algumas de nossas comunidades. Essa aproximação da ilustração e do lema é sugestiva porque ocorre a recíproca complementação e elucidação: a ilustração explica e enriquece o lema “Felizes em servir ao Altíssimo em espírito de humildade” e, ao mesmo tempo, o lema explica e esclarece a ilustração. De fato, lavar os pés ao Cristo e aos irmãos denota o serviço ao Senhor com alegria e humildade.

### 5.1. ILUSTRAÇÃO: O S. P. AGOSTINHO LAVA OS PÉS AO CRISTO

#### 5.1.1. Gesto de hospitalidade

A nossa tradição sempre compreendeu a ilustração que representa o S. P. Agostinho no gesto de lavar os pés ao Cristo como expressão da característica agostiniana de hospitalidade que, ao longo dos séculos, caracterizou nossas comunidades religiosas. O hóspede que batia na porta da comunidade devia ser acolhido como um irmão, isto é, como o próprio Cristo peregrino que necessitava dos devidos cuidados e da delicadeza do amor, incluindo o lava pés. Em 1290 as primeiras *Constituições* da Ordem agostiniana, chamadas ratisbonenses, prescreviam:

Os hóspedes, sobretudo os religiosos das Ordens mendicantes, sejam acolhidos com rosto alegre e com caridade [...]. Após a apresentação das cartas testemunhais de seu Superior, sejam acolhidos e com caridade lavem-se seus pés (cap. XIX).

As redações seguintes das *Constituições*, tanto da Ordem agostiniana quanto da nossa Reforma, mantiveram o capítulo reservado ao acolhimento dos hóspedes.

O S. P. Agostinho citava e recomendava a hospitalidade: “Aprendam a acolher os hóspedes, nos quais é reconhecido Cristo. Ou talvez não sabem que recebendo um cristão, recebem o próprio Cristo? Não foi ele que disse: ‘Era forasteiro e me hospedaram?’” (Serm. 236,3). Sendo assim, almejava que o gesto de lavar os pés fosse repetido em relação aos hóspedes:

Aprendemos, irmãos, a humildade do Altíssimo; tomemos consciência reciprocamente, e com humildade, o serviço que humildemente cumpriu o Altíssimo. É um grande exemplo de humildade, o seu. A este exemplo se inspiram os irmãos que renovam também externamente este gesto, quando reciprocamente se hospedam [...]. O cristão faça o que Cristo fez. Pois quando o corpo se abaixa até os pés do irmão, também no coração acende-se, ou, se está já existia, alimenta-se o sentimento de humildade (In Ev. Ioan. 58,4).

### 5.1.2. Serviço de caridade

A ilustração também expressa o recíproco serviço de caridade que os religiosos devem prestar-se na correção fraterna, nas relações entre Superiores e súditos, na atenção ao bem integral das pessoas e no apostolado.

#### a) *Correção fraterna*

O S. P. Agostinho considera a correção fraterna como um lava pés:

Mesmo quem está limpo precisa lavar-se os pés[...]. Os afetos humanos, que não podemos dispensar nesta vida mortal, são como os pés com os quais nos misturamos às coisas terrenas; a ponto que, se nos dissermos imunes do pecado, enganaríamos a nós mesmos e a verdade não estaria em nós. Cada dia nos lava os pés quem intercede por nós; e a cada dia precisamos lavar-nos os pés, ou seja, endireitar nossos passos na via do espírito, como confessamos quando na oração do Senhor dizemos: “Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (In Ev. Ioan. 56,4).

Quem de alguma maneira não falha neste alastrar-se de iniquidade e resfriar-se da caridade? “Lavei meus pés, deverei sujá-los novamente?” [...] Mas eis, levanto e abro. Ó Cristo, lavai-me os pés, “perdoai-nos nossas dívidas”, pois não se apagou por completo nossa caridade, pois também “nós os perdoamos a nossos devedores”. Quando vos escutamos, exultam convosco no céu os ossos humilhados. Mas quando vos pregamos, caminhamos com os pés no chão para abrir-vos a porta. E, portanto, se nos repreendemos nos perturbamos, se nos louvam nos enchemos de orgulho. Lavai nossos pés que antes estavam limpos, mas que se sujaram caminhando na terra para ir abrir-vos a porta (In Ev. Ioan. 57,6).

#### b) *Manutenção das relações*

A manutenção de serenas relações entre os religiosos, entre os Superiores e os súditos, entre a autoridade e a obediência, também equivale a lavar-se reciprocamente os pés.

O S. P. Agostinho afirma: “O Superior não se julgue feliz pelo poder que lhe foi conferido, mas pelo maior raio de ação que tem para praticar a caridade; ele está acima de vós pela sua posição na comunidade, mas perante a face de Deus, prostre-se aos vossos pés” (Reg. 46); ou seja, lavar os pés é entendido como servir com o coração de pai e mãe.

Do mesmo modo, aquele que obedece “ao Superior local como a um pai e muito mais aos Superiores maiores que se preocupam com todos” (Reg. 44) é chamado a mostrar-lhe afeto e piedade, pois aquele que preside “corre tanto mais perigo, quanto mais alta é a sua posição” (Reg. 47). Em suma, lavar os pés significa partilhar, na caridade, o peso da autoridade.

Autoridade e obediência formam um serviço convergente, a ponto de dizer que a autoridade é a partilha da obediência e a obediência é a partilha da autoridade. Superiores e súditos são convidados a servir-se reciprocamente, a lavar-se os pés uns dos outros. O S. P. Agostinho repete frequentemente que a autoridade é um serviço às pessoas, assim como a obediência: “Em primeiro lugar quem preside o povo deve compreender que é servo de muitos. E não fuja disto: não recuse, repito, ser servo de muitos, pois o Senhor dos senhores não desdenhou fazer-se nosso servo” (Serm. 340/A,1). O Bispo de Hipona acrescenta:

Por conseguinte, resumindo, somos vossos servos: servos, mas também vossos companheiros de serviço: somos vossos servos, mas todos temos um só Senhor: somos vossos servos, mas em Jesus. Somos vossos chefes e vossos servos: somos vossos chefes, somente se formos úteis (Serm. 340/A,3).

c) *Bem integral das pessoas*

O bem integral das pessoas também equivale a lavar os pés. O apostolado se refere ao apascentar as ovelhas do redil de Cristo, isto é, servir e não escravizar as pessoas; buscar o bem delas e não os interesses pessoais; tornar-se colaboradores da alegria delas e não donos da espiritualidade; ser sentinelas que vigiam e não espantalhos estáveis (Serm. 340/A); ser pastores que cuidam das ovelhas doentes, que vão em busca das extraviadas, que as conduzem às verdes pastagens, que as protegem dos assaltos dos lobos (Serm. 46; In Ev. Ioan. 123,5), em vez de ser mercenários preocupados unicamente com a própria vontade ou burocratas frios e sem coração.

O S. P. Agostinho dizia de si mesmo:

Como o Apóstolo que diz: “Estou em dívida com os Gregos e com os Bárbaros, com os doutos e com os ignorantes”, assim estou em dívida não apenas com alguns, mas com todos, conforme os limites de minhas forças e da pequena parte confiada ao meu governo [...]. Confesso-me devedor vosso se, ofegante pelas diversas preocupações e inquieto pelas dificuldades, talvez não dei ouvido a alguém da forma que este pedia, se a alguém dirigi um olhar mal-humorado ou palavras indelicadas mais do que convinha, ou se talvez turbei com uma resposta inconveniente alguma pessoa aflita ou necessitada de ajuda, se, enquanto atendia a outra coisa, descuidei ou despedi, ou talvez amargurado com um sinal brusco, algum pobre que solicitava minha atenção; ou se indignei-me rudemente quando alguém manifestava falsas suspeitas a meu respeito, como pode ocorrer nas relações humanas, ou vice-versa se, como é humano também que aconteça, suspeitei de alguém o que ele em consciência não julgava justo. Todavia, enquanto me confesso devedor vosso por estas ofensas e outras semelhantes, vós também me julgai cheio de amor por vós. A mãe também que choca seus pintainhos, muitas vezes, mexendo-se em espaço apertado, esmaga-os, embora não pesadamente, continua sendo sua mãe (Serm. 383,3).

O ato de lavar os pés equivale a sentir-se servos de Cristo e, em nome dele, servos de seus servos, como afirmava o S. P. Agostinho a respeito de si mesmo no cabeçalho de uma carta: “Agostinho bispo, servo de Cristo e, em seu nome, servo de seus servos, envia saudações cristãs ao irmão Vital”; e ainda: “Nas vezes de Cristo, vos oferecemos Cristo, Ele mesmo, em obediência a Ele” (Serm. 340/A,9); e também:

O que eu quero? O que eu desejo? O que eu almejo? Por que falo? Por que estou sentado aqui? Por que vivo, a não ser com esta aspiração de que juntos vivamos em Cristo? Este é meu desejo, esta minha honra, esta minha conquista, esta minha alegria, esta minha glória (Serm. 17,2).

Em suma, o S. P. Agostinho interpreta a felicidade em lavar os pés ao Cristo como servir ao Altíssimo e aos irmãos com um coração humilde e generoso.

## 5.2. OUTRA ILUSTRAÇÃO: CRISTO LAVA OS PÉS DOS APÓSTOLOS

### 5.2.1. Significado eucarístico do lava-pés

A ilustração do S. P. Agostinho que lava os pés ao Cristo é iluminada e enriquecida quando relacionada ao lava pés relatado no *Evangelho de João*: Cristo lava os pés aos apóstolos.

O evangelista considera esse gesto tão importante e rico de significado que não cita a instituição da Eucaristia na última ceia, como fizeram os demais evangelistas.

### 5.2.2. Dom total de amor

O evangelista considera o gesto do lava-pés, realizado por Jesus, como o dom supremo do seu amor e o dom total de si. A narração é rica de detalhes e merece uma abordagem aproximativa (Jo 13,1-20).

“Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1). Esta introdução forma uma moldura ao episódio central do lava pés e apresenta três pontos essenciais: a) tinha chegado o momento final da vida de Jesus; b) tinha chegado a hora esperada de passar deste mundo ao Pai, isto é, estava prestes a celebrar a última e verdadeira Páscoa (passagem); c) tinha chegado o momento em que seu amor pelos homens alcançava a expressão mais alta.

“Durante a ceia, quando já o diabo colocara no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de entregá-lo, sabendo que o Pai tudo colocara em suas mãos e que ele viera de Deus e a Deus voltava” (Jo 13,2-3). O autor do Evangelho insiste na descrição daquele momento da ceia pascal de Jesus, pois foi o momento do embate extremo do amor com o ódio, da bondade de Jesus com a maldade do coração humano e do poder diabólico. O que Jesus fez neste momento tão intenso de fatos, neste drama final?

“Levanta-se da mesa, depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela; depois coloca água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido” (Jo 13,4-5). A detalhada descrição pode parecer exagerada, porém o evangelista atribui a este episódio tal importância a ponto de inseri-lo ao interno da celebração da ceia pascal. Esse humilde gesto que era reservado aos escravos é realizado voluntariamente por amor, recebendo de Jesus o valor de um símbolo do dom da sua vida a serviço dos homens. O gesto do lava pés adquire, assim, um significado eucarístico ao tornar-se um símbolo concreto e tangível da vida de Jesus que se doa completamente à salvação da humanidade.

“Chega, então, a Simão Pedro, que lhe diz: ‘Senhor, tu, lavar-me os pés?!’ Respondeu-lhe Jesus: ‘O que faço, não compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde’. Disse-lhe Pedro: ‘Jamais me lavarás os pés!’ Jesus respondeu-lhe: ‘Se eu não te lavar, não terás parte comigo!’” (Jo 13,6-8). Todos os apóstolos deixaram-se lavar os pés, exceto Pedro que se opôs energicamente, não aceitando a ideia de ver seu mestre ajoelhado a seus pés. Poucas palavras de Jesus são suficientes para Pedro compreenda que o gesto era muito importante, a ponto de que o seu relacionamento de comunhão com Jesus seria interrompido caso ele não aceitasse o gesto.

“Simão Pedro lhe disse: ‘Senhor, não apenas meus pés, mas também as mãos e a cabeça’. Jesus lhe disse: ‘Quem se banhou não tem necessidade de se lavar, porque está inteiramente puro. Vós também estais puros, mas não todos’. Ele sabia, com efeito, quem o entregaria; por isso, disse: ‘Nem todos estais puros.’” (Jo 13,9-11). As palavras de Jesus fizeram com que Pedro

mudasse de opinião, contudo podemos perguntar se ele realmente compreendeu a importância do gesto realizado por Jesus? se ele compreendeu a riqueza do símbolo? Se ele somente se limitou a considerar o gesto como uma simples limpeza exterior ou como um genérico rito de purificação?

“Depois que lhes lavou os pés, retomou o seu manto, voltou à mesa e lhes disse: ‘Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais. Em verdade, em verdade, vos digo: o servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que quem o enviou. Se compreenderdes isso e o praticardes, felizes sereis.’” (Jo 13,12-17). Jesus retornou e comentou o gesto do lava pés para melhor explicar o sentido e para recomendar aos apóstolos de fazer o mesmo como repetição em sua memória. De fato, o *Evangelho de Lucas* utiliza termos semelhantes na instituição da Eucaristia: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19).

### **5.2.3. Legado de Jesus de continuar a lavar os pés**

O gesto do lava pés realizado por Jesus no contexto da ceia pascal supera o simples gesto de hospitalidade, o habitual serviço de caridade da diaconia cristã ou as várias formas de atividade pastoral. O gesto simbólico é realizado por Jesus na noite da traição, é um sinal luminoso de seu irrevogável dom de amor, é uma oferenda sacrificial da sua vida, é mais precioso ato de serviço e redenção em favor da humanidade.

## **5.3. NOVO LEMA**

A cena do lava pés pode nos levar a ouvir o próprio Jesus que repete, adaptando a si mesmo, as palavras do nosso lema: “Felizes por servir os homens em espírito de humildade”. O Cristo é feliz por servir-nos com todo o seu amor e a sua humildade. Tão feliz ao ponto de contaminar-nos com sua felicidade e de confiar-nos a tarefa de repetir o seu gesto de lavar os pés: “Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais.” (Jo 13,15); “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19).

Deste modo, nós também escolhemos lavar os pés ao Cristo e aos irmãos, como resposta ao seu exemplo e ao seu mandato. Nós escolhemos nos colocar ao serviço dos outros nas obras de apostolado, nós escolhemos amar até o fim oferecendo nossa vida como um dom ao Senhor e aos irmãos.

Assim como fez Jesus, também nós queremos fazer; assim como Jesus escolheu ser sacerdote e sacrifício, ofertante e oferenda, também nós queremos escolher (Conf. 10,43,69; In Ps. 130,4); nós queremos lavar os pés dos outros com os mesmos sentimentos de Jesus; nós queremos derramar o nosso sangue com os mesmos sentimentos com que Jesus derramou o seu sangue; nós queremos celebrar a Missa com os mesmos sentimentos que Jesus celebrou a ceia pascal; nós queremos nos unir a Cristo em seu gesto redentor de salvação, da mesma forma que o gesto redentor de salvação é liturgicamente celebrado sobre o altar quando as gotas de água, que simbolizam a nossa natureza humana, se perdem no vinho, que simboliza a natureza divina.

### **5.3.1. Feliz definição**

O rico significado eucarístico do lava pés colabora na compreensão da definição do carisma dos Agostinianos Descalços, expresso por meio da frase: “Felizes em servir ao Altíssimo em espírito de humildade”.

Felizes como é feliz Jesus, lavar os pés como os lavou Jesus, servir como serviu Jesus. A oferta da própria vida como um dom de amor conduz à total abnegação, ao amor e à humildade, este serviço é mais precioso que as diversas obras pastorais. Este é o projeto de vida dos Agostinianos Descalços é delineado pelas *Constituições*, como foi exposto nos capítulos precedentes sobre o perene fascínio da vida consagrada em geral, da vida consagrada agostiniana e da vida consagrada dos Agostinianos Descalços.

Em suma, o novo lema possibilita:

- A aproximação ao humilde Jesus.
- O enquadramento dos pilares fundamentais da espiritualidade agostiniana que estão presentes na primeira parte das *Constituições* (NATUREZA, ESPIRITUALIDADE, FINALIDADE DA ORDEM) segundo os aspectos canônico, evangélico, trinitário, cristológico-ecclesial, contemplativo, apostólico, comunitário, penitencial e mariano.
- A compreensão dos elementos da radicalidade evangélica expressos pelo adjetivo descalços e pelo voto de humildade, definido como “peculiar sinal da Ordem” (Const. 40).
- O entendimento da busca pela perfeição no amor em uma distinta atitude de humildade (Const. 3).
- A percepção do elemento cultural como chave de leitura dos capítulos sobre a vida litúrgica, consagrada, comum e apostólica, a ponto a vida tornar-se uma liturgia.
- A clareza no juramento expresso na fórmula de consagração: “ser hóstia viva, santa e agradável” (Const. 107).

A ilustração e o lema do Ano do carisma foram uma ótima escolha na definição do carisma dos Agostinianos Descalços: Felizes por lavar os pés ao Cristo, assim como Cristo lava os nossos pés! Somos “Felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade”, assim como Jesus é feliz por servir aos homens em espírito de humildade! A conclusão da oração do Ano do Carisma completa: “Felizes em servir ao Altíssimo em espírito de humildade, como Maria, no hoje da Igreja”. O nosso melhor serviço, da mesma maneira que todos os serviços, é o amor até o fim no dom sacrificial da nossa vida, com o mesmo ardor e os mesmos sentimentos de Jesus.

### **5.3.2. Palavra do Papa Francisco**

O discurso do Papa Francisco, no encontro de 12 de setembro de 2019 na sala Clementina, nos convida a permanecer ligados a estes alicerces, a não nos separarmos das raízes, perseverando na fidelidade ao maravilhoso dom de graça que é o nosso carisma:

Gostaria de dizer, antes de mais nada, que aprecio em vocês a alegria de serem Agostinianos [Descalços]: “Felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade” [...]. Vocês, Agostinianos Descalços, têm as suas raízes, como há pouco lembrou o Prior geral, em uma longa tradição religiosa iniciada por S. Agostinho. Expresso o meu encorajamento para que vocês amem e aprofundem sempre estas raízes – ir às raízes –, procurando atingir delas, na oração e no discernimento comunitário, a seiva vital para a presença de vocês no hoje da Igreja e do mundo. Alguém crê que seja necessário separar-se das raízes para ser moderno, porém isto é uma derrota, pois as raízes e a tradição garantem o futuro.

O Papa convida a não adoçar as coisas nem se acomodar, mas permanecer constantemente alicerçados nas raízes e abertos ao futuro, procurando viver uma fidelidade criativa!

## **CAPÍTULO 6.**

# **FELIZES POR SERVIR AO ALTÍSSIMO EM ESPÍRITO DE HUMILDADE EM TERRA DE MISSÃO**

### **6.1. CONSAGRADOS PARA A MISSÃO**

A compreensão do nosso carisma resultaria incompleta, se não considerarmos também o seu aspecto missionário. A missão não é um acréscimo, embora necessário, à consagração, mas é uma dimensão constitutiva essencial.

Nós somos consagrados para a missão, somos memória vivente do modo de viver e de agir de Jesus, pois nos empenhamos a ser como Ele era, além de testemunhas dos conselhos evangélicos, também somos missionários que anunciam o evangelho e lavam os pés a todos.

A consagração religiosa é uma escolha de vida dedicada ao Pai, inserida no Cristo, animada pelo Espírito Santo. O consagrado coopera eficazmente à missão do Senhor Jesus, contribuindo profundamente à renovação do mundo. Logo, a missão é essencial para cada Instituto, não apenas para aqueles de vida apostólica ativa, mas também para aqueles de vida contemplativa.

### **6.2. LUZES E SOMBRAS NA HISTÓRIA DAS MISSÕES**

A Igreja sempre manteve viva essa consciência missionária. Por exemplo:

- Jesus deu a ordem missionária de ir por todo o mundo, pregando o Evangelho a todas as criaturas.
- O Espírito Santo desceu no dia de Pentecostes e os apóstolos saíram para anunciar Jesus crucificado e ressuscitado.
- O S. P. Agostinho exortava os fiéis, na sua basílica da Paz, em Hipona, a espalhar por todo mundo a caridade para amar verdadeiramente a Cristo, pois os membros de Cristo estão espalhados por todo o mundo.
- Os primeiros missionários foram enviados no séc. XVI para evangelizar as novas terras recém descobertas.
- O Papa Pio XI proclamou a monja de clausura, Sta. Teresinha do Menino Jesus, como padroeira das missões.

Nestes momentos, a Igreja, portadora de salvação ao mundo, escreveu e continua escrevendo páginas missionárias em sua bimilenar história. O fascínio da missão se traduz historicamente em formas concretas de iniciativas apostólicas de evangelização. A história da missão e a história das missões, embora as duas expressões não se identifiquem, elas estão ligadas e se explicam reciprocamente.

A história das atividades missionárias revela o espírito missionário, enquanto que a dimensão missionária postula e valoriza as iniciativas apostólicas. Filantropia e caridade, socialidade e sobre naturalidade, amor ao próximo e amor a Deus se conectam e se completam.

Não obstante isso, reconhecemos que é constante a tentação de reduzir os horizontes, de sufocar a força missionária e de corromper os esforços dos missionários. Caso essa tentação prevaleça, tanto hoje quanto ontem, as consciências se obscurecem na Igreja e nos Institutos

religiosos e páginas manchadas são escritas. De fato, em alguns casos do passado a missão se tornou colonização e os missionários foram colonizadores.

Reconhecemos também que em vários locais de ação missionária, onde a catolicidade deveria ser expressa do melhor modo, surgiram fortes contrastes entre os Institutos religiosos, chegando ao ponto de ocorrerem verdadeiros combates entre os missionários. Tudo isso somava-se a perseguições e outras problemáticas exteriores. De fato, o orgulho é insidioso, prejudicial e mesquinho.

No nosso caso de Agostinianos Descalços reconhecemos as tensões sofridas no Tonquim (atual Vietnã) a causa do problema dos Distritos e do relativo direito de padroado. A história das nossas missões também registrou luzes e sombras, contudo as luzes foram e são muito mais emergentes, a causa do ímpeto moral dos nossos primeiros confrades missionários no Tonquim e na China.

### **6.3.DADOS HISTÓRICOS DAS MISSÕES DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS NO ORIENTE**

Os termos estatísticos das missões dos Agostinianos Descalços no Oriente são resumidos nos dados apresentados a seguir:

- O Tonquim e a China foram o campo específico do apostolado missionário no Oriente.
- A missão durou 124 anos;
  - Início: 1º de março de 1697, quando os primeiros missionários, Fr. Alfonso Romano da Mãe de Deus e Fr. Giovanni Mancini dos Santos Agostinho e Mônica, deixaram Roma;
  - Término: 29 de janeiro de 1821, quando o último missionário, Fr. Adeodato de S. Agostinho, faleceu em Manila, junto aos Agostinianos Recoletos, após a sua expulsão da China, por meio do decreto do Imperador Ka-King em 1805.
- A China foi o primeiro destino da missão, onde nossos confrades atuaram durante dois períodos (1698-1701; 1738-1805), data da expulsão acima referida; Fr. Adeodato esteve em Macau (1805-1812) e em Pulo Penang junto aos Missionários Exteriores de Paris (1812-1814), antes de chegar nas Filipinas e falecer.
- O Tonquim foi o segundo destino da missão, onde nossos confrades atuaram por um longo período (1701-1761) até que a Congregação de Propaganda Fide quis encerrar a controvérsia entre os Institutos religiosos atuantes no Tonquim, sacrificando os religiosos Agostinianos Descalços em favor dos quais a mesma Congregação tinha intervindo até então. O término da missão no Tonquim foi, sem dúvida, o ato mais heroico de fé, de obediência e de amor missionário dos Agostinianos Descalços.
- Dois religiosos foram bispos, apesar do voto de humildade: Mons. Ilario Costa de Jesus no Tonquim e Mons. Giovanni Damasceno Salustri da Conceição na China.

### **6.4. LUZES E SOMBRAS NA HISTÓRIA DAS MISSÕES DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS NO ORIENTE**

O esplêndido testemunho missionário dos Agostinianos Descalços foi resumido nos dados acima apresentados, contudo ocorreram também algumas sombras como o tardio início das missões (um século após o princípio da Reforma em 1592) e o reduzido número de missionários como indicado no elenco a seguir (29 frades):

- No Tonquim (italianos):
  - Fr. Alfonso Romano da Mãe de Deus,
  - Fr. Giovanni Mancini dos Santos Agostinho e Mônica,

- Fr. Nicola Agostino Cima de Sta. Mônica,
- Fr. Roberto Barozzi de Jesus e Maria,
- Fr. Giovanni Andrea Masnata de S. Tiago,
- Fr. Marcello Gallotto de S. Nicolau,
- Fr. Giovanni Damasceno Masnata de S. Ludovico,
- Fr. Tommaso da Ascensão,
- Fr. Giovanni Giocondo de Sta. Isabel,
- Fr. Giovanni Francesco de S. Gregório,
- Fr. Giovanni Francesco Bertarelli de S. José,
- Mons. Ilario Costa de Jesus,
- Fr. Girolamo Cappellani de S. Felipe Neri,
- Fr. Lorenzo Maria da Conceição,
- Fr. Domenico Maria de S. Martinho,
- Fr. Adriano Sala de Sta. Tecla,
- Fr. Paolino Rossi de Jesus.
- No Tonquim (vietnamitas):
  - Fr. Agostino Maria Dang de S. Roberto,
  - Fr. Nicola Doan de Sto. Hilário,
  - Fr. Guglielmo Du de S. Lourenço,
  - Fr. Tommaso N'gu-ien de S. Jerônimo,
  - Fr. Alípio Khon de Sto. Adriano,
  - Fr. Giovanni Bono Tru de S. Paulino,
  - Fr. Paolo Loa.
- Na China:
  - Fr. Serafino de S. João Batista,
  - Fr. Sigismondo Mainardi de S. Nicolau,
  - Mons. Giovanni Damasceno Salustri da Conceição,
  - Fr. Anselmo de Sta. Margarida,
  - Fr. Adeodato de S. Agostinho.

Em relação às sombras são necessária algumas considerações.

#### **6.4.1. Em relação ao tardio início das missões**

Ao início do séc. XVII havia dois modos distintos de interpretar a vida religiosa agostiniana: uma aberta e favorável à missão que se remetia à tradição religiosa do S. P. Agostinho, de Sta. Teresa e de Fr. Girolamo Gracian, ocd; outra rígida que remetia à linha eremítica, em particular à doutrina dos carmelitas descalços que se opunha a tudo o que não fosse rígida observância regular. A segunda linha foi absorvida pelos Agostinianos Descalços por meio do Superintendente apostólico, o carmelita descalço Fr. Pietro da Mãe de Deus.

As pessoas e os organismos qualificados, como os Capítulos gerais, nem sempre souberam ler de modo rápido, objetivo e profundo os sinais dos tempos, dando respostas adequadas às necessidades que surgiam. Alguns reconhecem nisso certa miopia histórica ou uma insidiosa preguiça espiritual.

De qualquer forma, o atraso dos Agostinianos Descalços em abrir-se às missões em terras longínquas não significou desatenção ao tema missionário. Nossos confrades expressaram caridade apostólica no serviço desenvolvido em momentos trágicos na Itália, como as pestes de Trapani e de Palermo em 1624 e da Ligúria em 1656. Nessas ocasiões, um considerável número

de religiosos se ofereceu para socorrer os apestados, mesmo com o risco de morte. De fato, alguns confrades faleceram no serviço aos apestados.

#### **6.4.2. Em relação ao reduzido número de missionários**

Ao início do séc. XVIII havia somente 90 missionários de Propaganda Fide na China. O reduzido número não surpreende, pois a Igreja estava no início da sua evangelização e da sua organização eclesiástica em dioceses naquelas terras.

- 1565: os primeiros Agostinianos chegaram às Filipinas.
- 1583: os primeiros Jesuítas chegaram à China, aos quais se juntaram os Dominicanos (1632), os Franciscanos (1633), os Agostinianos (1680), os Missionários exteriores de Paris (1683).
- 1696: a administração eclesiástica começou a tomar forma na China com a nomeação dos primeiros três Vigários apostólicos; isso foi favorecido pela liberdade religiosa concedida pelo Imperador da China Ccamsci à Igreja católica aos que aos 22 de março de 1692, graças à intermediação dos jesuítas que se tinham tornado benfeitores do Imperador.

Um fato que causou sofrimento aos nossos missionários foi o atraso da correspondência epistolar com os Superiores e confrades italianos. Os missionários escreviam com prontidão, para informar os Superiores sobre o estado da missão, para pedir autorizações, para obter esclarecimentos e diretrizes, para manter um vivo um fraterno diálogo de amizade. As cartas de resposta, todavia, demoravam meses e até anos para chegar. Essa lentidão nas comunicações era causada pelos meios de transporte e, talvez, pela pouca sensibilidade humana e pelo sentimento de apatia que acompanha o agir humano.

Atualmente tal dificuldade foi drasticamente reduzida, pois existem outros meios de comunicação que ligam ao outro lado do mundo em tempo real, porém as comunicações oficiais chegam, às vezes, com certo atraso. O ânimo dos missionários, memores do quieto seio da amada religião presente na Europa, não tinham alternativa em relação aos atrasos e isso certamente influenciou o ímpeto missionário.

#### **6.5. MISSIONÁRIOS FELIZES POR SERVIR AO ALTÍSSIMO EM ESPÍRITO DE HUMILDADE**

O sofrimento causado e alimentado pela solidão, pelos desconfortos, pela dureza do serviço pastoral, pelas perseguições, destaca ainda mais a estatura moral dos nossos missionários no Tonquim e na China. Esses sofrimentos contribuíram para purificá-los e a transformá-los em vinho e óleo para a glória de Deus.

Enquanto que uma situação de sofrimento é para alguns a ocasião de crise, para outros é a oportunidade de amadurecimento. O modo com o qual cada religioso se coloca diante da situação e a administra faz com que alguns se tornem fracos de espírito e outros fortes heróis.

Os nossos missionários enfrentaram as adversidades com espírito de fé e coragem cristã. A chama missionária ardia pelo óleo puro das profundas convicções e da grande maturidade humana e espiritual; em vez de brilhar por evasão da vida de comunidade, pela ambição, pelo sucesso, pelo espírito colonialista, pela comodidade, pelo conforto humano, pelas vantagens, pelo apreço alheio.

Os nossos missionários eram homens simples, essenciais, de intensa vida espiritual, de amplo respiro católico, convictos dos valores religiosos da humildade, da obediência, da

pobreza, da castidade, da comunhão dos corações; eram generosos, zelosos, envolvidos no serviço pastoral; se caracterizavam pela profunda convicção em testemunhar as virtudes que recomendavam aos religiosos escolhidos para as missões: não amantes de novidade, não imobilizados em seu parecer; viviam a contemplação, pois uma boa Madalena no claustro será uma boa Marta no Tonquim; se destacavam pela oração, como um oportuno remédio e abrigo nos perigos da alma e do corpo.

Em suma, os nossos missionários eram verdadeiros Agostinianos Descalços, prontos a lavar os pés dos que ainda não conheciam o Evangelho, “Felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade”. Algumas cartas deles demonstram claramente o ímpeto missionário que os alimentava.

### **6.5.1. Servir docilmente a Deus como homens de fé**

A fé é a luz que ajuda a enxergar o desenvolvimento da história com os olhos de Deus; a certeza da presença do Senhor na sua vida; a confiança na sua Providência que no silêncio dirige a nossa vida, cuidando de todos e de cada um até nas pequenas coisas.

Essa era a atitude do S. P. Agostinho, o grande teólogo da história, e essa era a atitude de seus filhos: Só isto é o que nos torna fortes, pois onde faltam os meios humanos, tanto mais abundam os divinos; portanto, não questionemos da Providência de Deus. Quem confia no tesouro da Providência divina não se preocupa ansiosamente pelo amanhã: Deus não falta.

Nós não pedimos, nem obtivemos algum dinheiro de ninguém; nem por isso Deus nos faltou; antes, a sua Providência garantiu o embarque completamente grátis; aprovou a Deus dispor assim para não incorrer em alguém dos nossos, que talvez por pura necessidade procurava dinheiro.

### **6.5.2. Servir devotamente a Deus como homens de oração**

A oração era vista como um oxigênio que os mantinha em vida, a melhor resposta às necessidades humanas, a eficaz ajuda que sustentava o ministério.

É realmente necessária a presença de outros religiosos que venham ajudar; mas o único distintivo para conhecer os capazes é se são homens de grande oração e retirados; pode até ser um bom leitor, um bom orador, um bom observante, mas se não for bom eremita, não pode ser bom missionário.

Se for muito eloquente ou muito loquaz não poderá conformar-se ao silêncio contínuo que é necessário nesta perseguida missão; se for dominado por frequentes ímpetos de desdém, não poderá sofrer os costumes incômodos e as impertinências que lhe causarão os rudes habitantes deste país; os influxos quentes deste tórrido clima colocarão em perigo o seu calor interno para degenerar em escândalo com a liberdade e a proximidade dos objetos entre os quais continuamente se escreve.

Os que na Europa são chamados de espirituais ou pescoços tortos são hábeis para esta missão e não outros (Carta de Mons. Ilario Costa ao Prior geral, 18 de junho de 1726).

### **6.5.3. Servir corajosamente a Deus como pastores zelosos**

O serviço de Deus requer ardor, coragem, generosidade e disponibilidade ao sacrifício como recordam algumas passagens da Sagrada Escritura: “Filho, se te apresentes para servir ao

Senhor, prepara-te para a tentação” (Eclo 2,1), “Eis, eu vos envio como ovelhas no meio de lobos” (Mt 10,16). Os verdadeiros servos de Deus, se quiserem ser pastores e não mercenários, não podem recuar diante dos perigos, nem antepor os próprios interesses aos de Cristo e aos do seu rebanho. O coração dos servos de Deus é como uma caixa que ressoa o grito de Cristo na cruz: “Tenho sede” (Jo 19,28).

Quem, pelo contrário, deseja padecer e sacrificar a sua vida a Deus, em benefício das almas compradas com o sangue precioso do nosso amoroso Redentor Jesus; que venha alegremente, tenha coragem e não tema de não poder-se satisfazer, ao menos em grande parte, se é um cervo sedento; que venha padecer por Jesus, cujo peso é leve e alegre, e cujo jugo do trabalho é suave.

A quem ama nada é difícil, antes, tudo é doce; contudo, serei pronto a voltar para lá e viajar por toda a minha vida, caso isso fosse necessário para a saúde de uma só alma e para a glória de Deus, pelo qual, por quanto eu padeça, é sempre pouco, amável e doce.

As enfermidades não cessam, porém não fazemos muito caso delas, nem por elas deixo de fazer o que posso para assistir os cristãos: procurarei trabalhar até que tiver as forças.

Estes eram os sentimentos dos filhos do S. P. Agostinho que repetia: “Não canseis de ganhar almas a Cristo, porque vós mesmos fostes ganhados por Cristo” (In Ev. Ioan. 10,9).

#### **6.5.4. Servir humildemente a Deus como homens obedientes**

A obediência de Jesus ao Pai foi um alimento cotidiano, isso nos ensina a fazer o mesmo. A obediência é a mãe de todas as virtudes e a garantia de perceber se realmente amamos a Deus e nos ajoelhamos com humildade para lavar os pés dos irmãos e servir com humildade a Deus.

O serviço de obediência a Deus se concretiza na obediência aos Superiores e esta tem valor se for feita com fé e amor, enquanto eles são representantes de Deus. Quem obedece, serve; quem não obedece, não serve. O mesmo Superior, não diversamente do súdito, é por sua vez chamado a obedecer e ele serve a Deus e aos irmãos somente se obedece. De fato, todos são discípulos na escola de Cristo.

Os nossos missionários serviram a Deus e aos irmãos na obediência. É comovente reparar com quais sentimentos de convicção e docilidade eles se dirigiam aos Superiores, aceitando o papel de mediação:

Professamos ao nosso Superior toda a obediência e toda a veneração, toda a afeição. Obedecemos inteiramente a todas as ordens que prescreve a Sagrada Congregação, sem jamais afastar-se delas.

De qualquer forma, porém, o comando sobre tal matéria, que esperamos da citada Sagrada Congregação, nos servirá como *Regra* infalível para agir com constância em cada estado. Assim, estaremos certos que Deus nos estimará no exercício da missão que será executada conforme a sua vontade, a quem neste e em cada outro assunto submetemos nosso querer, nossa ação e nosso entender.

Desde o ano passado, todos os nossos padres aceitaram e executaram a intenção de Vossa Paternidade Reverendíssima, com a prontidão e a solicitude inscrita pelo zelo deles e com a sincera obediência que sempre demonstraram a todos os comandos da Santa Sé, da Sagrada Congregação e de todos os legítimos Superiores.

Os nossos missionários obedeciam também nos casos difíceis, em que os pontos de vista eram diferentes:

Tais são os sentimentos dos padres novos; pelo resto, asseguro Vossa Paternidade Reverendíssima que, compreendida minha deputação ao grau de Superior, obedeceram-me logo e prontamente, com alegria e gáudio reconhecido como tal, não apenas com cartas, mas ainda com as obras: porém no coração eles são de parecer diferente. Digne-se Vossa Paternidade Reverendíssima instruir-nos e nos clarear as trevas em que estamos.

#### **6.5.5. Servir com amor a Deus como homens de comunhão e filhos da Igreja**

Os nossos missionários também se destacaram por outro elemento qualificante da espiritualidade agostiniana: o amor pela Igreja e pela comunhão fraterna.

Amemos ao Senhor, nosso Deus, amemos a sua Igreja! Amemos a Ele como Pai, à Igreja como mãe. Amemos a Ele como Senhor, a Igreja como sua serva. Amemos a comunhão fraterna. Este é o primeiro preceito e o ideal daqueles que entram a fazer parte da comunidade agostiniana: ter, a exemplo dos primeiros cristãos, um só coração e uma só alma, fazendo da própria comunidade um modelo de pequena Igreja.

Naquelas condições de precariedade, em que a vida era continuamente em perigo por causa das perseguições, os nossos missionários não podiam obviamente viver uma perfeita vida regular de comunidade. Eles faziam como e quando lhes fosse possível, alegres por encontrarem-se, porém viviam entre si uma perfeita comunhão espiritual. Fr. Lorenzo escreveu:

Nós estamos todos bem de saúde, procuramos realizar a obra de Deus com a maior eficácia possível; por isso, raras vezes nos encontramos e, quando isso se realiza, acontece com as mais sinceras expressões de religiosa e fraterna benevolência. Nós quatro vivemos separados de corpo, mas ao mesmo tempo estamos unidos no coração. Eu sou um só em quatro corpos, um só coração, uma só alma, um só querer; porém tamanha é a paz, a união, a concórdia e a caridade religiosa com a qual vivemos unidos que não se pode desejar mais.

Os nossos missionários procuravam realizar a mesma comunhão com os missionários de outros Institutos. Nos momentos difíceis de fortes tensões e litígios, por causa dos Distritos, desejavam ser como o S. P. Agostinho: promotores de paz e de concórdia fraterna.

Nós esperamos e queremos viver em suma paz, cedendo até ao sofrimento e ao silêncio que são pedidos até por quem não ouve os sinais da Sagrada Congregação. Essa situação, por vezes, é um ânimo e os fatos serão também assim, caso as circunstâncias dos lugares e dos tempos permitirem.

No momento não me ocorre outra coisa a não ser expor em prol da missão, na qual Vossa Paternidade Reverendíssima se compraz nos manter até agora, todos humildes de coração, com boa saúde de corpo e com zelo no ministério apostólico.

Asseguro a Vossa Paternidade Reverendíssima que entre nós Agostinianos Descalços, seus filhos, há concórdia, união, grande paz, tão forte e estreita que não se possa desejar mais. Neste ponto somos um exemplo aos missionários de outros Institutos, dado que vivemos em perfeita comunidade. Sejam dadas graças a Deus, doador de todo bem!

Agora, todavia, tenha a certeza que todos nós, os quatro supérstites, vivemos com a devida e amorosa união, condizente a nós religiosos missionários, na

divisão do Distrito, feita com satisfação por cada um que realiza o serviço de Deus com a devida atenção e dedicação oportuna a tal ministério.

Asseguro-vos que quando [Fr. Pietro Celestino] chegar a esta missão, ele encontrará em mim um outro de vós; eu não deixarei por vosso mérito e dívida minha de mostrar-lhe todas as ternuras que vos manifestei nos muitos anos que estive na vossa companhia em Gênova. Em suma, ele encontrará em mim o seu amigo Fr. Adriano, logo isso é suficiente acerca deste ponto, uma vez que eu bem sei que vós não duvidais do meu amor sincero.

A amizade entre Fr. Lorenzo Maria da Conceição e Mons. Ilario Costa era apreciável: em suas cartas parece sentir a voz do S. P. Agostinho que chamava Alípio de irmão do meu coração.

A abertura eclesial os encorajava a solicitar aos Superiores o envio de outros missionários, por meio da firme convicção de que cada sacrifício, feito pela missão, é uma graça que se reverte em prol dos religiosos e das comunidades:

Então, os Superiores apresentem sempre os melhores sujeitos, não temendo subtraí-los à vida religiosa ou perdê-los. De fato, se um bom sujeito se oferecer à missão por puro amor de Deus e para salvar as almas, nosso Senhor enviará cem à família religiosa.

#### **6.5.6. Servir humildemente a Deus como hóstia de salvação, escondidos em Cristo**

Esta é a forma mais profunda e sublime do serviço que o homem, a exemplo de Cristo e com a sua graça pode prestar a Deus e aos irmãos. Trata-se de um serviço escondido, próprio do amor até o fim, de um amor gratuito que se perde para o bem dos irmãos.

Cristo serviu assim mesmo: aniquilando-se, morrendo, consumindo-se como hóstia de redenção e ressurgindo. Deste modo, o amor triunfou sobre a inimizade, a vida sobre a morte, a graça sobre o pecado; ocorreu a reconciliação do Pai com os filhos e se abriu um novo caminho de esperança rumo à vida eterna.

O homem é chamado a realizar o mesmo serviço, completando em si, como dizia o apóstolo, o que falta aos sofrimentos de Cristo (Col 1,24). Isso motiva a aceitação convicta e serena, por parte do homem, do próprio sofrimento e da própria aniquilação, como uma participação à paixão de Cristo, como um sacrifício redentor, como uma expressão de vida cultural, como uma hóstia de salvação que se consome pela salvação de todos.

O carisma dos Agostinianos Descalços, então, pode ser visto como servir a Deus e os irmãos consumando-se de modo simples, sem barulho, como “hóstia viva, santa, agradável a Deus” (Const. 107). Sendo assim, nossos frades dão à própria vida uma dimensão cultural, como sugerem as *Constituições* nos quatro capítulos que articulam a segunda parte (VIDA DA ORDEM): vida litúrgica, vida consagrada, vida comum e vida apostólica.

Os nossos missionários compreenderam bem esse aspecto da nossa espiritualidade, tanto que desejaram consumir-se como hóstia, tanto no derramar de modo cruento o próprio sangue por Cristo em defesa da fé, quanto no derramar de modo incruento, silencioso e contínuo o próprio suor:

Meu querido e amado irmão, se vos desse o ânimo de obter com o mérito dos vossos suspiros uma tal sorte, cooperaria à última realização dos meus pensamentos. Isso não é difícil, pois estou continuamente em perigo de ser preso pelos perseguidores, que dia e noite vigiam a presa; estou fugindo deles, pois bem sei que a Santa Igreja precisa mais de operários que a irriguem com os suores do que mártires que a ilustrem com o sangue. Desse modo, espero a

boa sorte de Deus, a gloriosa aprovação de tornar agradável o holocausto que lhe ofereci desde o meu ingresso nesta missão. No entanto, sou um fugitivo, estou exilado e não sei quando terminará tal exílio. Graças a Deus.

### 6.5.7. Servir alegremente a Deus como apaixonados

Os apaixonados são capazes de louvar e servir livremente e com amor, pois desejam afirmar a grandeza e o valor da pessoa amada (Deus). Os apaixonados sabem lavar delicadamente os pés aos irmãos. Os apaixonados sabem que não bastam a si mesmos, são incompletos e pobres, por isso colocam em primeiro lugar a pessoa amada (Deus). Os apaixonados se alegram não apenas em realizar simples serviços, mas em se fazer um dom de amor: servos-salvados, servos-escravos e servos-servidores.

A paixão conduz tudo à pessoa amada. A paixão é humildade e serviço, é amor gratuito, é dileção. O S. P. Agostinho afirma: “Muito breve é a *Regra*: Deus gosta de quem gosta de Deus”.

Mons. Ilario Costa dizia a um amigo:

Confesso que a única minha esperança é Cristo. Oh Jesus, seja o meu Jesus. Todo o resto para mim não é nada.

Fico cada vez mais confuso por tantas graças e favores que Deus me concede, que verdadeiramente se vê a suma, infinita, clementíssima e paterna sua bondade em tudo. Por acaso não devo servir a esta grande bondade? Nunca aconteça! Ah, será o benefício dos benefícios a graça de me consumir para um assim grande Deus? Firme está meu coração, ó Deus.

Amem também vocês e agradeçam, ó diletos, uma tão grande bondade; recordem-se da eternidade e todo o resto é nada. Antes de mais nada, pensem a agradar e a servir a um Deus tão bom.

Fr. Lorenzo da Conceição dizia:

Quem sabe que cedo ou tarde não me venha a acontecer uma tal sorte de doar como testemunho do Evangelho aquela vida que para nada serve se não se emprega toda para Deus com alegria e graça [...]. Ao rei dos séculos imortal e invisível, só a Deus honra e glória.

O valor da vida está em vivê-la em referência a Deus como um serviço de louvor. Ninguém deve superestimar a si mesmo, invertendo os lugares, para pôr-se no lugar de Deus. Sobre isso escrevia Mons. Ilario Costa: “Não considero a minha alma mais preciosa do que eu”.

No entanto, o primeiro dos apaixonados é Deus, o qual ama as criaturas e as serve, ao ponto de rico como era, se fazer pobre para enriquecer o homem e elevá-lo à dignidade de filho de Deus. O homem não deve fazer outra coisa que comportar-se como apaixonado por Deus, ou seja, deve abrir-se a Ele e confessar que somente Ele é seu bem, o sumo bem, a plenitude de vida e alegria.

## 6.6. MISSIONÁRIOS MARAVILHOSOS

Os nossos missionários no Tonquim e na China não se caracterizaram pelo triunfalismo ou pelo espírito colonialista. Eles fundiram e sintetizaram a oração e o apostolado, a interioridade e a comunhão, a humanidade e a espiritualidade, a austeridade e a benignidade, a contemplação e a ação, a humildade e a caridade, a observância regular e as instâncias eclesiais, o compromisso cotidiano e o sentido teológico da história, a fidelidade e a liberdade.

Em suma, os nossos missionários se destacam por duas peculiares atitudes que definem o nosso carisma: a alegria do serviço ao Altíssimo em espírito de humildade e o amor pela comunhão fraterna e pela Igreja.

## **6.7. MISSÕES NA AMÉRICA LATINA, NA ÁSIA E NA ÁFRICA**

Atualmente a realidade da Ordem se transformou sensivelmente, por meio da abertura às regiões da América Latina, da Ásia e da África. A ordem é constituída por três Províncias: da Itália, do Brasil e das Filipinas. Há religiosos de tantas nações.

Atualmente a Ordem é multiétnica e multicultural. Um quadro completo desse novo e atual desenvolvimento missionário, com dados, nomes, acontecimentos, fotos, encontra-se no livro do Fr. Dorian Ceteroni: *Os Agostinianos Descalços* (2019).

Concluo essas reflexões sobre a dimensão missionária com uma oração...

### **Oração: Consagrados para a missão**

*Senhor, onde Vós me quiserdes, esta é minha casa, como Vós me quiserdes, este é o meu estilo, quando Vós me mandardes, esta é minha hora de partir, com quem Vós me mandardes, estes são meus companheiros, àqueles aos quais me enviardes, estes são o campo do meu apostolado, em qualquer lugar e de qualquer modo Vós me quiserdes, Senhor, sois Vós que me chamais para ser feliz servo do Altíssimo em espírito de humildade, promotor de comunhão, testemunha da caridade, epifania do vosso amor no mundo.*

*Por isso me consagrastes: para votar-me à missão, isto é, para não pertencer mais a mim mesmo, sair das angústias do meu egoísmo e ser dom vosso à Igreja e ao mundo, ressoam na minha alma as vossas palavras: “De graça recebestes, de graça dais”, vossos dons, pois, Senhor, não são bens privados para possuir sozinho, mas bens comuns para compartilhar com todos.*

*Sim, Senhor Jesus, quero ser mesmo esse missionário do Amor, como Vós quereis, como Vós sois, a exemplo dos meus confrades missionários, quero conformar-me a Vós em tudo, seja como consagrado, seja como enviado. Diversamente, a minha existência não poderia ser plenamente cristiiforme, nem plenamente eclesial e agostiniana.*

*Fazei-me ser missionário, assim muito simplesmente: com a palavra e o silêncio, com as obras e o testemunho, com os grandes projetos e a experiência da kênosis, com a oração e o oferecimento oblato da vida, com o frescor de um ânimo enamorado.*

*Dando a todos um sorriso, o vosso sorriso de um amor até o fim. Obrigado, Senhor.*

## CAPÍTULO 7.

# FORMAR-SE À KÊNOSIS DO HUMILDE JESUS PARA SER FELIZES POR SERVIR AO ALTÍSSIMO EM ESPÍRITO DE HUMILDADE

### 7.1. IMPORTANTES CONSIDERAÇÕES

#### 7.1.1. Proposta forte

O nosso carisma foi delineado na frase: “Felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade”, mas como é podemos propô-lo atualmente?

O lema é uma proposta forte, contracorrente e contra qualquer forma de mediocridade. A proposição é uma exigente proposta evangélica e agostiniana que não sugere apenas alguns serviços da diaconia cristã, mas se dirige na profundidade, superando o louvável e necessário limite de fazer um serviço, para chegar à base, como declara o hino cristológico da *Carta aos Filipenses*: assumir a condição de servo (Fl 2,5-11), isto é, ser um servo feliz em lavar os pés, em servir, em doar-se, em amar até o fim.

Jesus, o servo obediente, completou o serviço na cruz quando se entregou por amor ao Pai pela nossa salvação. Os Agostinianos Descalços se encaminham em direção ao humilde Jesus, procurando moldurar a própria vida à de Cristo.

#### 7.1.2. Resposta forte

O amor é exigente, doce, austero, nunca medíocre nem banal. Afirma o autor do *Cântico dos Cânticos*: “Pois o amor é forte, é como a morte! Cruel como o abismo é a paixão; suas chamas são chamas de fogo uma faísca de JHWH! As águas da torrente jamais poderão apagar o amor, nem os rios afogá-lo” (Ct 8,6-7).

Quanto mais alta é a meta do amor, tanto mais exigente e rigorosa deve ser a preparação para alcançá-lo. Nenhum atleta pode sonhar em subir ao pódio da vitória sem o duro cansaço dos treinos, contudo nenhum atleta aceita o cansaço dos treinos se não for fascinado pelo seu ideal. Nenhum profissional pode pensar em progredir no seu trabalho sem ter estudado muito, todavia ninguém estuda muito se não almejar a sua profissão.

O projeto de felizmente servir a Deus em espírito de humildade (uma proposta divina, em vez de uma escolha humana) não é realizável sem um sério e profundo empenho, porém ninguém se empenha seriamente sem acolher a proposta com amor e fé. Somente a paixão por profunda motivação pode impelir a ação, como afirma o S. P. Agostinho: “Quem não ama, não tem motivações para observar os mandamentos” (In Ev. Ioan. 82,3). Logo, a parcialidade se torna insuficiente: um ideal pálido e uma disciplina permissiva ou mesmo rigorista conduzir à desilusão, pois não são capazes de levar à paixão.

São fundamentais a clareza do ideal a ser alcançado e a ascese cristã que ali conduz, isto é, faz-se necessário um método sério e integral de formação que conduz a pessoa e requer a observância pontual da lei, sem cair no legalismo; requer o rigor, sem rigorismo; requer a

firmeza, sem intransigência; requer radicalidade, sem radicalismo; requer simplicidade, sem duplicidade; requer humildade, sem presunção; requer equilíbrio, sem extremismo. Em suma, requer o amor que é a regra essencial de cada projeto formativo. O S. P. Agostinho afirma: “Faço isso por amor do teu amor” (Conf. 2,1,1; 11,1,1). Os grandes ideais e as propostas fortes requerem respostas fortes e uma sólida e apaixonada formação (Reg. 48).

No nosso caso, a proposta forte e a resposta forte se equivalem, pois o lema “Felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade” é o ideal a ser alcançado e o meio para conseguilo. Seremos “Felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade” por meio de um humilde pedido ao Senhor e um constante compromisso de ser felizes por servir.

Concentremo-nos em cada um dos termos utilizados na definição do nosso carisma.

## **7.2. FELIZES**

### **7.2.1. Elemento de novidade na fidelidade bíblica**

O adjetivo “felizes” constitui o elemento de novidade na definição do carisma, codificada no novo texto das *Constituições*, revisado e aprovado pela Santa Sé (Const. 3). Isso não significa que antes fosse ausente, mas era pelo menos subentendido. O destaque e a codificação dão à frase uma importância muito maior, pois trata-se de um elemento evangélico e agostiniano que projeta feixes de luz, como um farol, sobre o modo de entender e praticar o serviço.

O termo indica que somos chamados a servir não como escravos, mas como filhos. Essa atividade não ocorre com ânimo, tristeza, medo, constrição, formalismo, interesse, mas com alegria, serenidade, franqueza, liberdade, gratuidade. O serviço não condiz com um presente ou um futuro desleixados, angustiantes, sem sentido nem saída, mas pressupõe a alegria e o esplendor de um presente e de um futuro abertos, ricos de valores, de sentido, de esperança, de infinito. Em suma, o carisma prevê os Agostinianos Descalços como homens livres na lei e sob a graça e não como servos sob a lei.

A Sagrada Escritura nos convida a ser e a operar como pessoas alegres, serenas, felizes: “Sirvam ao Senhor na alegria” (Sl 99,2); “Sejam sempre alegres no Senhor, repito, sejam alegres” (Fl 4,4); “Cada um dê conforme quanto decidiu no seu coração, não com tristeza, nem forçadamente, porque Deus ama quem doa com alegria” (2Cor 9,7); “Quando jejuarem não fiquem tristes como os hipócritas” (Mt 6,16).

O cristianismo, embora tenha a cruz no centro da sua mensagem, é a religião da alegria, como indica o Papa S. Paulo VI na Exortação apostólica *Gaudete in Domino*: viver na alegria e ser felizes deveriam constituir o DNA do cristão.

### **7.2.2. Ser felizes nos sofrimentos e nas hostilidades**

Quando tudo parece nos afastar da felicidade, ser felizes em servir é muito mais difícil, ainda mais quando o serviço é impedido! Ser felizes nesse caso parece uma operação humanamente impossível, pois supera os comuns parâmetros humanos de entender a felicidade.

Isso deve-se ao fato de que a felicidade é normalmente associada à satisfação de nos sentirmos gratificados (sucesso, dinheiro, saúde, tranquilidade etc.). Quando tais situações de bem-estar não acontecem, mas há adversidades e calamidades que ninguém deseja (frustrações, mundanidade, insucessos, falências, infortúnios, desvantagens, doenças, lutos, etc.), logo não é provável a felicidade.

Então como é possível ser feliz, haja vista que a natureza humana almeja usufruir a vida, rejeitando o sofrimento? Diante do sofrimento, das adversidades e das calamidades que encontramos e devemos enfrentar como é possível ser feliz? Não devemos ignorar os problemas, nem os procurar pelo gosto de sofrer (masoquismo), nem os suportar sem sentido (frustração), nem os considerar um acidente (não são um fato ocasional), nem nos limitar a propor um aparato de normas. Ser felizes supera o âmbito das normas, os piedosos desejos, o intelectualismo, o sentimentalismo e as exageradas devoções. De fato, alguém pode estipular e conhecer as regras para ser felizes, mas corre o risco de não ser realmente feliz. O S. P. Agostinho comenta: “Alguém pode até chamar-se Feliz e não ser feliz” (Serm. 340/A,4).

### **7.2.3. As motivações para ser felizes**

Um modo justo, talvez o único, para nos confrontarmos com o sofrimento e as adversidades, sendo capazes de colher o valor redentor das adversidades é o correto modo de enfrenta-las.

Jesus disse a Pedro que recusava o anúncio da paixão: “Afasta-te de mim, Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!” (Mt 16,23). Pedro considerava que impedir a Jesus de sofrer era algo bom; mas Jesus lhe mostra que os parâmetros de medida de Deus são diferentes: Cristo escolheu a kênosis e a cruz como meios de onipotência, de vitória e de plenitude. Logo, faz-se necessária uma mudança na abordagem do sofrimento, embora ele continue a existir, na ótica da fé ele perde a força maléfica e se torna benéfico, dado que se torna uma ocasião de verdadeira e profunda aproximação à felicidade.

#### *a) Ser felizes: dom do Espírito*

Ser felizes não é um fruto da capacidade humana, mas é um dom do Espírito Santo. Este elemento é fundamental ao projeto formativo e à vida cristã. S. Paulo afirma: “O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade e fidelidade” (Gl 5,22). A obtenção desse dom ocorre por meio da oração: “Dai-me, Senhor, o que mandais e mandai o que quiserdes” (Conf. 10,29,40).

As pessoas simples, tementes a Deus, que rezam muito com humildade, confiança e perseverança têm essa convicção. Não obstante continuem mergulhadas nos sofrimentos, tais pessoas se consideram serenas e alegres. Diante disso, as pessoas que não rezam ou rezam pouco, além de se preocupam muito e esperarem a serenidade nos próprios esforços, terminam por se mostrarem tristes, desiludidas e enraivecidas.

Ser felizes é um dom, logo deve ser compartilhado com os demais, uma vez que não é algo pessoal: “De graça recebestes, de graça dai” (Mt 10,8); “Uma alegria compartilhada com muitos e longamente esperada é mais abundante também para cada um. Aquecemo-nos e acendemo-nos reciprocamente” (Conf. 4,9).

#### *b) Ser felizes: a abordagem de Jesus à kênosis*

Jesus deu o exemplo perfeito da justa abordagem ao sofrimento e às adversidades em um percurso que conduz à felicidade. Ele veio para nos salvar e poderia fazê-lo por meio de uma palavra ou completando as expectativas triunfalistas do messias glorioso. Jesus, pelo contrário, escolheu o caminho da humildade e da kênosis do servo de JWHW. Por isso, não evitou o sofrimento ao longo da sua vida: a) em Belém nasceu na pobreza de uma gruta; b) em Nazaré transcorreu aproximadamente trinta anos à margem da sociedade, longe dos holofotes; c) no deserto se submeteu por quarenta dias ao jejum e às tentações; d) no rio Jordão recebeu o

batismo e esteve na multidão, como um comum pecador; e) na Palestina percorreu vários vilarejos fazendo o bem sem sequer um travesseiro para apoiar a cabeça; f) em Jerusalém sofreu a condenação à morte mediante o governador Pilatos.

Jesus experimentou a fome, a sede, o cansaço, o desconforto, o pranto, a incompreensão, a indiferença, a solidão, a provocação, a insídia, o insulto, a ofensa, a calúnia etc. Nos últimos instantes da vida, enquanto estava morrendo na cruz, ouviu os gritos de uma multidão enraivecida que, esquecendo o bem recebido, o insultava e invocava a sua morte. Jesus se identificava como um falido!

Jesus foi, como predisse o profeta Isaias, o homem das dores (Is 53,3). Este é o espanto: tudo isso sem perder a alegria, pois a sua abordagem ao sofrimento, à cruz e à morte foi totalmente diversa da nossa. Ele olhava ao sofrimento com os olhos iluminados pelo amor e pela luminosidade da ressurreição. Sendo assim, a cruz, sinal que recapitula toda a sua kênosis, não lhe aparecia como loucura e escândalo, mas como símbolo da potência de Deus. A cruz não era a ocasião de infelicidade, mas a expressão de felicidade; não era o sinal de ignomínia, mas o instrumento de redenção; não era o local de infâmia, mas o trono do seu reinado; não era fraqueza, mas alta expressão da potência do amor de Deus que salva.

Por isso, a cruz não foi um acidente, mas uma escolha programada de amor. Jesus não sofreu a cruz, mas a assumiu livremente. Por conseguinte, Ele não foi derrotado, mas sim a multidão hostil que o instigava. Jesus se demonstrou o vencedor, o homem livre, feliz, poderoso, uma vez que o seu sofrimento e a sua morte foram uma livre escolha, uma vida doada por um amor maior até o fim. O centurião romano compreendeu tudo isso e, vendo-o morrer, exclamou: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Mc 15,39). O S. P. Agostinho assim descreve o fascínio da beleza divina que continuou a irradiar do rosto desfigurado de Cristo:

Belo é Deus, Verbo junto de Deus; belo no seio da Virgem, onde não perdeu a divindade e assumiu a humanidade; belo é o Verbo nascido criança [...] belo, então, no céu, belo na terra; belo no seio de Maria, belo nos braços dos pais; belo nos milagres, belo nos suplícios; belo no convidar para a vida; belo em descuidar da morte; belo em abandonar a vida e belo em retomá-la; belo na cruz, belo no sepulcro, belo no céu (In Ps. 44,3).

### c) *Ser felizes: a abordagem dos discípulos à kênosis*

“Não existe discípulo superior ao mestre, nem servo superior ao seu senhor” (Mt 10,24). Não há duas medidas, mas uma só, que vale para o mestre e para os discípulos: a medida do amor forte e rigoroso até o fim. Por isso, Jesus, desde de que chamou os discípulos, nunca os iludiu com discursos e promessas demagógicas.

O mestre queria prepará-los e enviá-los para uma alta missão, por isso almejou que eles se apaixonassem pelo ideal e vivessem um relacionamento pessoal de amizade com Ele. Somente as pessoas apaixonadas e os amigos aceitam as propostas comprometedoras que requerem gestos de heroísmo. O S. P. Agostinho afirma:

Dai-me um coração que ama, e compreenderá o que digo. Dai-me um coração que almeja, um coração faminto, que se sinta peregrino e sedento neste deserto, um coração que suspire a fonte [...] e compreenderá o que digo (In Ev. Ioan. 26,4).

Os evangelistas relatam o relacionamento simples e cordial de Jesus com os discípulos: os chamava pelo nome, entretinha-se amavelmente com eles, explicava o significado do Evangelho que anunciava. Desde o início Jesus fez a forte proposta do sacrifício, da negação

de si e da renúncia aos ideais e métodos mundanos; de fato, essa proposta foi dita em toda a sua crueza aos discípulos que de pescadores de peixes se transformariam em pescadores de homens e colaboradores na obra missionária: “Recomendou-lhes que nada levasse para o caminho, a não ser um cajado apenas; nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto. Mas que andassem calçados com sandálias e não levassem dias túnicas” (Mc 6,8-9); “Eis que eu vos envio como ovelhas entre lobos. [...] Guardai-vos dos homens: eles vos entregarão aos sinédrios e vos flagelarão em suas sinagogas. [...] E sereis odiados por todos por causa do meu nome” (Mt 10,16-17.22); “Não penseis que vim trazer paz à terra. Não vim trazer paz, mas espada. Com efeito, vim contrapor o homem ao seu pai, a filha à sua mãe e a nora à sua sogra” (Mt 10,34-35).

Estes anúncios podiam chocar e suscitar a impressão de que Jesus mandasse seus discípulos sem rumo a uma vida de pesadelos, contudo Ele não os deixava sós, pois a sua presença viva e tranquilizadora era constante. Os discípulos tinham uma guia segura, um guardião fiel, um verdadeiro conforto: “Quando vos entregarem, não fiquéis preocupados em saber como ou o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar [...]. Não tenhais medo deles, portanto [...]. Não tenhais medo, pois valeis mais do que muitos pardais” (Mt 10,19.26.31).

Jesus queria ser aceito como o único ponto essencial de referência, em vez de ser preferido às pessoas mais queridas; por isso advertiu os discípulos: “Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim. E aquele que ama filho ou filha mais do que a mim não é digno de mim. Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim. Aquele que acha a sua vida, vai perdê-la, mas quem perde a sua vida por causa de mim, vai achá-la” (Mt 10,37-39).

Jesus propôs fortes e precisas condições aos que queriam e querem ser seus discípulos: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Lc 9,23). No seu reino é grande quem se torna pequeno (Lc 9,48); é digno de sentar nos primeiros lugares quem escolhe o último; tem autoridade quem obedece e serve; é senhor quem lava os pés; gera vida quem doa a própria; ressurge vitorioso quem morre; expressa maturidade quem, após ter dado o melhor de si, não apresenta méritos e se professa servo inútil; é livre e sereno quem vive escondido com Cristo em Deus (Gl 3,3).

Jesus desejava que seus discípulos fossem felizes, alegres, seguros, fortes, mas não conforme os parâmetros humanos de felicidade, segurança e fortaleza. Por isso explicou aos discípulos que retornavam satisfeitos da missão o verdadeiro motivo pelo qual deviam ficar contentes: “Eis que eu vos dei o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do Inimigo, e nada poderá vos causar dano. Contudo, não vos alegréis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus” (Lc 10,19-20).

Os discípulos foram formados por Jesus e se sentiram fascinados por ele, logo doaram livre e alegremente a própria vida, se tornaram mártires e escreveram – e continuam escrevendo – as páginas mais belas da história.

d) *Ser felizes: uma escolha positiva de valor na kênosis*

A potência do amor transforma a escuridão em luz, a infelicidade em felicidade, a morte em vida! Aqui não ocorre sombra de masoquismo ou de pessimismo, mas há todo o verdadeiro e são realismo cristão que vê a cruz e a sexta-feira da paixão e morte indissolivelmente ligadas ao amor e à ressurreição.

A potência do amor é a medida mais alta de valor, pois quem ama está disposto a tudo, até a morrer. A cruz tomada sem amor e sem a luminosidade da ressurreição é insensata e escandalosa, porém vista com os olhos do coração se torna potência e salvação de Deus. A cruz não é explicada humanamente, não é um problema técnico que deve ser resolvido, mas é um mistério a ser vivido, um mistério que deve ser acolhido ou recusado. A cruz não se discute, mas se contempla e se vive! Os termos cruz e amor formam uma dicotomia, pois a dor adquire novo valor no amor, a cruz adquire novo valor em Cristo que sobre ela se deixou pregar e morrer. Em suma, a cruz sem o Crucificado não tem sentido (1Cor 1,17-31).

Ser felizes no sofrimento é possível caso a cruz seja tomada na kênosis, uma vez que ela se torna uma escolha positiva de valor, uma escolha pessoal de amor do Crucificado. Nós tomamos a cruz porque Cristo a tornou preciosa; a nossa cruz, por quanto seja pesada, é muito menor daquela de Cristo que recorda aos discípulos: “quem quiser me seguir tome a sua cruz” (Mt 16,24), isto é, cada um tem a própria cruz.

O serviço na formação inicial e permanente deve, assim, interiorizar essas certezas e tornar cada frade capaz deste olhar luminoso do coração que, antes da cruz, enxerga o Crucificado. Deste modo será possível abraçar a cruz com fé e amor. Caso isso não ocorra, as crises serão o resultado do enfraquecido olhar a Cristo e não do aumento do peso da cruz.

e) *Ser felizes: a onipotência de Deus*

O aumento do peso da cruz não é a real causa das crises, pois sabemos que Deus não nos dá um peso superior à graça para carregá-lo. Ele é todo-poderoso, providente e justo, logo faz sobreabundar e não abandona à mercê da história. A sua misericórdia abunda sobre a miséria (Rm 5,20).

S. Paulo afirma: “Nós sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo o seu desígnio” (Rm 8,28). O S. P. Agostinho expressava a sua visão teológica da história e a certeza na onipotência e providência de Deus do seguinte modo: “A vaidade me levava fora da estrada, cada vento me empurrava ora para cá ora para lá, mas vós [Senhor] na sombra me dirigias” (Conf. 4,14,23).

Deus não faz barulho nem poeira, mas no silêncio guia de modo firme e suave a história pessoal e social, reciclando o mal em bem. O S. P. Agostinho acrescenta: “Vós, Senhor, regulais até os ramos da nossa morte e sabeis pôr uma mão leve sobre os espinhos banidos do vosso paraíso, para limá-las. A vossa onipotência não está longe de nós nem quando nós estamos longe de vós” (Conf. 2,2,3); ou ainda:

Vós estáveis sempre presente com os vossos piedosos tormentos, aspergindo com as mais repugnantes amarguras todas as minhas delícias ilícitas, para induzir-me à busca da delícia que não repugna. Onde a tivesse encontrada, não teria encontrado a não ser vós, Senhor, que dais como mestre a dor e golpeais para sarar e nos matais para não nos deixar morrer sem vós (Conf. 2,2,4).

A certeza é uma das grandes motivações que devem ser assimiladas durante a formação, para ser felizes diante de qualquer dificuldade ou calamidade.

f) *Ser felizes: ter o coração reto para fazer a vontade de Deus*

A adesão da nossa vontade à vontade de Deus e a compreensão da liberdade interior, que dela promana, são bens preciosos que tornam felizes, pois a pessoa que compreende tais bens está disposta a privar-se de tudo para guardá-los.

Cada um vos consulta sobre o que ele quer, mas não sempre ouve a resposta que quer. Vosso servo mais fiel é quem não procura ouvir de vós o que quer, mas querer mais o que ouve de vós (Conf. 10,26,37).

Senhor, longe do coração do vosso servo que se confessa a vós, longe o pensamento que qualquer prazer possa tornar-me feliz. Há um prazer que não é concedido aos ímpios, mas àqueles que vos servem por puro amor, e o prazer deles sois vós mesmo. Esta é a felicidade: regozijar-se por vós, de vós, por causa de vós; fora desta felicidade não há outra. Quem crê que tenha outra, persegue outro prazer, não o verdadeiro. Contudo, não se afasta de uma certa imagem de prazer a vontade deles (Conf. 10,22,32).

g) *Ser felizes: ter um são humorismo*

Aos grandes sofrimentos acima citados, somam-se outros de menor intensidade que preocupam e colocam em risco o desejo de ser felizes. Reconhecemos, por exemplo, os sofrimentos diários causados por fatores ordinários, como o mal-estar físico, as mudanças de humor, o caráter ansioso, introvertido, extrovertido, colérico, os desencontros de personalidade, o clima, o trânsito, a inatividade causada pelos limites da idade, as perturbações do coração, as tentações, a aridez espiritual, a apatia, o nervosismo, a distração na oração, as dúvidas, os pecados etc.

O que fazer diante de tais perturbações? Não é suficiente a óbvia abordagem de fé e amor. É preciso recorrer a outra abordagem, para não correr o risco de fazer uma tempestade em um copo de água.

O Ven. Fr. Giovanni Nicolucci, no opúsculo *A escada dos Quinze Graus*, propõe uma série de conselhos que ajudam em uma nova abordagem em relação ao sofrimento. O opúsculo é ainda hoje um precioso *vademecum* de doutrina espiritual, de atualidade bíblica e de sabedoria pedagógica que ajuda a manter a paz do coração e a alimentar o amor. O Ven. Fr. Giovanni trata o tema da paz do coração e da serenidade sob distintas perspectivas em praticamente todos os graus. O autor almejava que as pessoas percorressem um caminho de perfeição com liberdade interior, amor e paz. Era seu objetivo que as pessoas fossem felizes, serenas, convictas, livres e fortes, em vez de atormentadas, angustiadas e escrupulosas.

Eis alguns conselhos práticos para ser felizes e ter a paz no coração:

- a) **Aprender a desdramatizar** imediatamente as tensões que se apresentam, não focar somente sobre as particularidades que alteram as proporções e perdem a visão global; não se lamentar, não se tornar um peso aos demais. A tendência natural à dramatização e ao exagero é sanada por meio da simplificação das coisas complexas e da assimilação das coisas simples. Em suma, a vida não é um problema ou um conjunto de problemas para resolver, mas um mistério a ser vivido (Grau III).
- b) **Aprender a ser paciente** é um desafio ao orgulho humano, pois aceitar faz-se necessária a aceitação de tempos longos e dos próprios limites e fragilidades, contudo a paciência consigo mesmos e com os demais é a única estrada para ser felizes (Grau III).
- c) **Aprender a olhar além** do horizonte humano, superando os processos psicológicos e abraçando a transcendência de Deus para encontrar motivações superiores e espirituais (Grau III).
- d) **Aprender a abraçar** as tribulações como queridas irmãs, uma vez que as dificuldades provocam os gestos de brutalidade e vulgaridade, as injúrias, o desprezo, a falta de autoestima, o excessivo apego às próprias opiniões, o orgulho, a ambiguidade. É

natural reagir a estas tribulações com a raiva, a angústia, o desespero ou a tristeza; todavia faz-se necessária uma reação positiva, considerando que as tribulações são capazes de conduzir à salvação. O venerável considera as dificuldades como irmãs queridas que devem ser abraçadas para que haja a paz no coração e a serenidade (Grau IV).

- e) **Aprender a atuar a prudência e a moderação**, em vez do protagonismo que cria desequilíbrios. O venerável se concentra no sentido evangélico do amor a Deus e ao próximo, para sugerir um exercício equilibrado que conceda a paz. O homem caracterizado pelo protagonismo não consegue facilmente se manter em uma atitude de prudência e de moderação, logo ocorrem os excessos em fazer demais ou em pouco fazer. Essas duas atitudes opostas se transformam depois em fonte de desvios e de perturbações. Para manter o equilíbrio, o venerável sugere a prática do bem, de modo que não seja em prejuízo à própria alma e não nos tire a paz. Aprender a atuar a prudência e a moderação não significa somente dar um bom exemplo, nem se superestimar, nem ser ciumento, nem pensar em colher resultados imediatos. A aprendizagem das virtudes significa semear o bem, desapegar das coisas e da própria vontade, colocar-se de lado, expropriar-se de si mesmo, reduzir as expectativas, ir até Deus sem ansiedade, colaborar com Deus, reconhecer os méritos divinos (Grau VI).
- f) **Aprender a se entregar a Deus**, em oposição ao protagonismo que causa intransigência e contraria a paz do coração. Os desequilíbrios são produzidos mediante a falta de prudência e de moderação, além da teimosia que leva à ansiedade, pretendendo impor o próprio querer, determinar os próprios ritmos, transformar os meios em fim e permanecer ligados a rígidos esquemas espirituais que não se harmonizam com a pedagogia de Deus. O venerável insiste no combate contra o protagonismo, dado que a tenacidade e a firmeza não equivalem à intransigência e ao rigorismo, pois tais atitudes significam mesquinhez e dureza de coração. A própria vontade não pode ser absoluta, mas deve deixar espaços à confiança em Deus e à entrega total a Ele. Aprender a se entregar a Deus equivale a não ser precipitado, mas ir até Deus gradualmente, respeitando e suavizando os tempos; equivale a não ser rígidos e exigentes nos esquemas de oração e a não trocar os meios pelo fim; a não se deixar tomar pela ansiedade de fazer a qualquer custo o planejado, deixando de lado o que Deus nos propõe; a procurar a Deus onde Ele se deixa encontrar; a não se cansar em várias práticas espirituais, ansiosos por terminá-las (Grau VII).
- g) **Aprender a administrar as tentações**. A comum insídia de se orgulhar diante do bem feito leva à atribuição pessoal de um mérito ou conduz à ansiedade e à perturbação diante de possíveis erros cometidos. O venerável alerta que essas tentações são administradas por meio da humilde, da vigilância e da oração. Uma útil regra de discernimento é que o maligno é a causa do pânico e da angústia no ânimo, uma vez que Deus ilumina os pensamentos com sentimentos de paz e de dor serena, quando o indivíduo cai no erro do pecado (Grau XI).
- h) **Aprender a não se angustiar na aridez espiritual**. Todos correm o risco da aridez espiritual, por causa disso o estado de profunda perturbação é uma constante ameaça. Sendo assim, o venerável se entretém longamente em exortar a não se angustiar. A aridez espiritual pode ser uma providencial oportunidade e um válido meio do qual se serve Deus para purificar e levar ao progresso espiritual. A aridez não é um mal inevitável que somente afasta de Deus ou prejudica a vida. Essa perturbação, considerada pelos homens como um mal, é vista por Deus como um bem (Graus XII-XV).

- i) **Aprender a não se angustiar nem sequer nos pecados.** O venerável considera também que as quedas nos pecados não devem angustiar, pois induzem a confiar ainda mais na misericórdia de Deus e a esperar humildemente na sua ajuda. O convite é aprender a não se angustiar com as culpas e as fraquezas. Por conseguinte, o venerável exorta a alma que se reconhece mísera a não se cansar de entregar-se à misericórdia de Deus. A mudança do estilo de vida é um compromisso urgente e justo que as pessoas perturbadas e ansiosas necessitam para alcançar a paz do coração, evitando os aspectos negativos e focalizando nos positivos (XIV grau).

O Ven. Fr. Giovanni Nicolucci conclui:

A tudo isso que foi dito deveriam dedicar-se as pessoas perturbadas e ansiosas: veriam o quanto grande é a cegueira delas, pois perdem tempo. Esta advertência deve ser notada, dado que é uma das chaves que a alma tem para abrir os grandes tesouros espirituais e rapidamente se enriquecer.

Essas exortações do nosso primeiro venerável podem ser comparadas a ulteriores detalhes que esclarecem o sentido e o conteúdo do adjetivo felizes, codificado na definição do nosso carisma. As observações do venerável estão repletas de atualidade humana e espiritual, de liberdade de espírito, de sábio realismo e de otimismo. Os Agostinianos Descalços se mostraram, em seus quatro séculos de história, homens simples, essenciais, serenos, felizes da própria vocação agostiniana, felizes por lavar os pés e por servir ao Altíssimo em espírito de humildade!

#### **7.2.4. Valor da escolha do adjetivo felizes**

A este ponto, se compreende melhor o valor da escolha do adjetivo felizes na definição do nosso carisma e a importância que o termo reveste na formação inicial e permanente.

Felizes não é simplesmente o sinônimo de contentes, satisfeitos, gratificados por um desejo realizado, uma vez que supera a esfera das emoções e envolve toda a existência humana. Ser felizes tem sólidas motivações teológicas e espirituais que garantem a estabilidade.

A atividade formativa deve assegurar no ânimo dos jovens e menos jovens essas profundas motivações teológicas, de modo que a vida consagrada seja sempre e de qualquer forma feliz, até nos momentos mais cruciais da kênosis. Essas sólidas motivações não podem ser reduzidas a simples noções nem conceitos doutrinários, mas são verdades que devem ser interiorizadas e encarnadas na vida.

As atuais e mudadas condições da sociedade solicitam da formação uma maior atenção na transmissão destas sólidas motivações, pois somente pessoas motivadas poderão resistir ao impacto dos grandes desafios, sendo felizes por servir, por lavar os pés, por fazer gratuitamente o bem até o fim, em qualquer lugar e de qualquer modo.

### **7.3. POR SERVIR**

#### **7.3.1. Termo polivalente**

O verbo “servir” recorre comumente na linguagem social, trabalhista, esportiva etc. O seu significado poderia parecer óbvio, contudo o uso do verbo, tanto transitivo quanto intransitivo, apresenta nuances de significado.

O S. P. Agostinho cita três importantes significados que alargam a reflexão e sugerem aplicações no campo da formação religiosa.

### 7.3.2. Três significados indicados pelo S. P. Agostinho

Os três significados indicados pelo S. P. Agostinho abrangem o termo “servo” e seus derivados (servir, serviço, servidão, servidor).

- **Servo-salvado:** a etimologia do termo e o seu primeiro uso histórico sugerem que o servo era um condenado à morte, que vinha salvo, conservado, poupado para ser utilizado nos trabalhos forçados:

A palavra “servo” parece ser introduzida na língua latina pelo fato de que, quando os que, por direito de guerra, podiam ser mortos, vinham guardados pelos vencedores, se tornavam “servos” de “conservar” (De Civ. Dei 19,15).

- **Servo-escravo:** é o indivíduo dependente, obrigado, no poder alheio, submisso; tal indivíduo está em contraposição ao filho, que é livre e tem um relacionamento particular de disciplina plasmada pelo amor.
- **Servo-servidor:** é a pessoa que oferece os próprios ofícios, o trabalho, o tempo com a finalidade de favorecer os outros, tanto por devoção quanto por dever.

#### a) *Felizes por servir como servos-salvados*

A aplicação espiritual do significado de “salvado” é óbvia: os servos-salvados somos nós que fomos poupados e salvados da morte espiritual por meio da graça de Cristo. O Ven. Fr. Carlo Giacinto escreveu no beiral do Santuário da Madonnetta em Gênova: “os redimidos pelo Senhor que virão a Sion para cantar o louvor de Deus”, isto é, somos os libertados da soberba de Lúcifer. Por meio da solidariedade em Adão estávamos condenados à morte (De Civ. Dei 13,14), todavia pela solidariedade em Cristo somos conservados (salvos, livres) da morte (In Ps. 84,14; 29,II,5). Portanto, felizes por servir significa inicialmente felizes por ter sido salvos, perdoados, alcançados e preenchidos pelo amor de Deus.

Esse significado é fundamental na formação, uma vez que recorda a todos, formadores e formandos, que a iniciativa parte sempre de Deus; antes de salvar os outros, nós fomos salvos; antes de amar, nós fomos amados, como escreve o autor da *Primeira carta de João*: “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados” (1Jo 4,10).

O S. P. Agostinho afirma:

O que [Vós, ó Deus] sois para mim?[...]. E o que sou eu mesmo para Vós, pois vós me mandais amar-vos e vos irais para comigo e ameaçais, se eu não obedecer, graves desgraças, quase fosse uma leve desgraça a mesma ausência de amor para vós? Oh, dizei-me, pela vossa misericórdia, Senhor meu Deus, o que vós sois para mim. Dizei à minha alma: eu sou a tua salvação. Dizei-o, para que eu o ouça. Eis, os ouvidos do meu coração estão diante da vossa boca, Senhor. Abri-os e dizei à minha alma: eu sou a tua salvação. Perseguindo esta voz, eu vos alcançarei, e vós não escondais de mim vosso rosto. Que eu morra, para não morrer, para vê-lo (Conf. 1,5,5).

O Ven. Fr. Giovanni Nicolucci acrescenta a esse respeito, no opúsculo *A escada dos Quinze Graus*: “Teu coração foi criado por Deus somente para este fim, de ser por ele amado e possuído” (Grau I). Deus não nos criou somente para o conhecermos e amamos, mas também para derramar o seu amor sobre nós, para contemplar-nos, para comprazer-se de nós, para extasiar-se em nós, para nos possuir.

Há duas distintas e verdadeiras perspectivas: a primeira coloca Deus como centro do caminho ascendente do homem e reconhece o coração do homem como centro da atenção divina; a segunda coloca Deus como objeto do amor humano e identifica Deus como o sujeito do amor pela humanidade.

A perspectiva evidenciada pelo venerável é anterior, pois está em sintonia com a perspectiva bíblica e agostiniana. De fato, o autor do *Livro do Gênesis* sublinha no relato da criação que as realidades criadas eram coisa boa, mas o homem à sua imagem e semelhança era coisa muito boa. Antes que a criação cantasse os louvores de Deus e o coração do homem o amasse, Deus contemplou suas criaturas e amou o homem. O Criador é o primeiro admirador, o primeiro contemplativo, o primeiro apaixonado pelas criaturas e, em particular, pelo homem.

O significado de servos-salvados também está preconizado em relação aos irmãos. O S. P. Agostinho afirma no cabeçalho da *Carta 217*: “Agostinho, bispo, servo de Cristo e, em nome dele, servo de seus servos”, ou seja, salvo pelos vossos salvados.

Os religiosos devem ser felizes por sentir-se salvados por Cristo e também pelos irmãos. Na realidade, os religiosos e os sacerdotes devem dar um bom exemplo e serem mediadores e instrumentos de salvação aos outros, além de serem edificados pelo bom exemplo alheio e salvados pelo serviço do próximo. Estas observações são realmente necessárias.

b) *Felizes por servir como servos-escravos*

O termo “escravo” provoca repulsa, contudo exprime um modo de servir: como escravos da caridade. A escravidão não é automaticamente um mal, pois nem todo escravo é tal, nem todo estado permanente de dependência se contrapõe à liberdade. De fato, a abordagem do conteúdo completa a análise do termo. O S. P. Agostinho cita dois opostos significados de escravidão:

1. Há o escravo e a escravidão do pecado ou da cobiça, que dependem do mau uso da vontade; esta é a verdadeira escravidão, definida como miserável e imunda (In Ev. Ioan. 41,4).
2. Há o escravo e a escravidão da graça ou da caridade, que dependem do bom uso da vontade; esta é a resposta ao projeto salvífico de Deus para toda a humanidade (Ez 18,23; Jo 6,39; 1Ts 4,3; 1Tm 2,4; 2Pd 3,9). O Salvador está disposto a perdoar:

Deus não quer que peques e, de fato, te proíbe; contudo, se pecaste, não pense que o homem tenha feito o que queria e que a Deus tenha acontecido o que não queria. Na realidade, ele, como quer que o homem não peque, assim quer perdoar quem pecar, para que se converta e viva (In Ps. 110,2).

Essa escravidão da caridade é a verdadeira liberdade. O S. P. Agostinho acrescenta:

Éramos escravos da cobiça e, libertados, nos tornamos escravos da caridade (In Ev. Ioan. 41,8).

A sua vontade será livre se for boa, serás livre se for escravo; livre do pecado, escravo da justiça (In Ev. Ioan. 41,8).

Na medida em que servimos a Deus, somos livres, enquanto na medida em que seguimos a lei do pecado, somos escravos (In Ev. Ioan. 41,10).

Neste sentido, a *Regra* cita que, para sermos verdadeiramente livres, é necessário sermos escravos da caridade e submissos à graça: “O Senhor lhes conceda observar com amor estas normas[...] não como servos sob a lei, mas como homens livres sob a graça” (Reg. 48). Sendo assim, o significado de servos-escravos pode ser parafraseado do seguinte modo: “felizes por

servir como servos escravos da caridade”, com amor e liberdade interior. Tal consciência é também um grande valor a ser transmitido na formação.

c) *Felizes por servir como servos-servidores*

Este significado é bastante usual. A linguagem comum menciona o servidor da pátria, o servidor da Igreja, o servidor da caridade, o servidor dos irmãos etc.

Servidor é aquele que trabalha para o bem dos outros e não para os usar nem escravizar. O cristianismo utiliza o termo “servidor” para se referir à pessoa que exercita os ministérios da diaconia. Quem realiza as obras de misericórdia serve, quem prega serve, quem administra os sacramentos serve, quem manda serve, quem obedece serve.

O S. P. Agostinho considera que tudo é uma expressão de serviço: o trabalho manual, a hospitalidade, a autoridade, a obediência, a pregação da Palavra de Deus, a administração dos sacramentos, a promoção da unidade e da comunhão, o sacerdócio, a vida religiosa ativa e contemplativa, até mesmo *As Confissões* eram vistas como um serviço prestado aos irmãos. O Bispo de Hipona afirma: “Ao vosso serviço seja colocado o quanto de útil aprendi quando criança; seja colocada a minha capacidade de falar, de escrever, de ler e computar” (Conf. 1,15,24). Sendo assim, a palavra servo é uma categoria fundamental da existência cristã e uma chave de leitura da cristologia e da eclesiologia. Cristo era servo, Maria era serva, a Igreja era serva, Mônica era serva, os cristãos são servos, os religiosos são servos, além de citar os servos de Deus, os servos de Cristo, os servos da Igreja.

Eis outro aspecto importante da formação: inculcar o profundo espírito de serviço, isto é, “felizes por sermos servidores de Deus”, servidores da Igreja, da Ordem, dos irmãos. Servidores apaixonados que dão o melhor de si mesmos, sem apoderar-se do ofício, sem espírito de carreirismo, mas sempre dispostos a realizar as atividades solicitadas e, quando chegar a hora, a deixar espaço aos outros, repetindo com profunda convicção e alegria: “somos servos inúteis” (Lc 17,10).

## **7.4. O ALTÍSSIMO**

### **7.4.1. Deus é o horizonte do homem**

O horizonte no qual somos chamados a viver e a operar se restringe ao tempo e espaço, mas se projeta em direção à transcendência e à santidade de Deus, o qual é o horizonte e o fim último do homem. O S. P. Agostinho apresenta tal nostalgia de infinito e inquietação do coração do seguinte modo: “Vós nos fizestes, Senhor, para Vós, e nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Vós” (Conf. 1,1,1); “Vire-se e revire-se de costas, de lado, de frente, mas tudo está difícil e só Vós, Senhor, sois o descanso” (Conf. 6,16,26).

O homem capaz de Deus não vive sem Deus, logo a decisão de se refugiar no espaço humano e retirar Deus da sua vida é um mal, pois o homem não vive, mas tem como resultado a tristeza, a solidão, o vazio, a ausência de sentido, a angustia, o desespero.

Deus não é adicionado ao homem, nem o homem a Deus, já que o Criador se assemelha a uma marca d’água no mistério humano. Deus é como um espelho no qual o homem pode conhecer a si mesmo e, ao mesmo tempo, o homem é um espelho no qual pode reconhecer o reflexo de Deus.

Esta projeção para o alto, antes, para o Altíssimo, atravessa toda a história, todo o mistério do homem, todo o Evangelho, toda a teologia e espiritualidade agostinianas. O S. P. Agostinho

acrescenta que tudo deve convergir para o Altíssimo (Reg. 3). Sendo assim, os pés permanecem na terra e coração se encaminha para o alto! O Bispo de Hipona acrescenta:

Verdadeiro sacrifício é cada obra com a qual nós nos empenhamos a unir-nos em santa comunhão a Deus, de tal modo que seja referida ao bem último, pelo qual possamos ser verdadeiramente felizes. Então, até o bem com o qual se socorre o homem, se não for cumprido em relação a Deus, não é sacrifício (De Civ. Dei 10,6).

#### **7.4.2. Felizes por servir ao Altíssimo**

A formação deve reafirmar essa orientação para Deus, sublinhar o primado de Deus, indicar que para ser felizes se deve pôr a própria o serviço, ou seja, cantar a sua grandeza, louvá-lo, adorá-lo, agradecer-lo, amá-lo, viver somente para Ele. Compete a Deus o primado, o primeiro lugar, a honra, o respeito, o amor, a obediência. Para Deus converge tudo, pois Ele é o natural e transcendente ponto de unidade, a meta satisfatória de felicidade, da harmonia e da beleza (Conf. 10,22,32).

Segundo o S. P. Agostinho, a obra maior do homem sobre a terra é louvar a Deus (In Ps. 44,9). Esta é a plena realização da própria vocação: tornar-se voz consciente da criação que canta a glória de Deus (*Prefácio da Oração Eucarística IV*). Esta é a melhor escolha: efundir-se em pura perda diante de Deus, para contemplá-lo e extasiar-se da sua beleza e ternura de Pai. Este é o serviço melhor e mais fecundo que conduz ao bem de todos: fazer a sua vontade. O S. P. Agostinho acrescenta: “Vosso servo mais fiel é o que não visa ouvir de Vós o que ele quer, mas visa querer o que ouve de Vós” (Conf. 10,26,37).

#### **7.4.3. Servindo a Deus, serve-se bem aos outros**

O serviço prestado a Deus é também o melhor serviço prestado aos outros. Os estranhos se tornam amigos, irmãos, conterrâneos e companheiros de viagem, servos recíprocos (Conf. 10,4,6). De acordo com o S. P. Agostinho, “corações fraternos, turíbulos de incenso para Vós” (Conf. 10,4,5). O que poderia ser feito para servir bem a Deus e aos homens, se não dar Deus a eles e eles a Deus? Servindo a Deus, serve-se aos homens; não servindo a Deus, isto é, recusando-o, colocando-o em uma situação marginal, não se serve bem aos homens; e vice-versa.

Os consagrados tem a específica vocação de serem servos de Deus, homens de Deus, completamente votados ao seu serviço de amor, de louvor, de proximidade, de submissão, de fidelidade, de obediência, de afirmação da sua primazia. Os religiosos são chamados a estar com Deus; a viver constantemente com o olhar em direção ao Senhor, para que o mundo não se esqueça Dele. Cada consagrado é convidado a entreter-se “sozinho diante de Vós” (Conf. 9,4,7) e “junto com os outros” (De Trin. 1,3,5). A vocação à vida religiosa deve assumir contemporaneamente os homens junto de Deus e Deus junto dos homens, próprio como Jesus assumiu todos nós junto do Pai. Assumir Deus significa tomar a sua palavra, a sua verdade, o seu amor; assumir os homens quer dizer carregar a pobreza e a miséria deles para apresentá-las a Deus, para que as recicle.

O oposto da consagração é representado pelo afastamento de Deus e do mundo, pelo desinteresse em relação a Deus e aos demais. O Criador não pode ser visto como um estranho, um ausente, um qualquer colocado em um lugar impreciso da vida. Deus deve estar no centro! O Altíssimo acima de tudo, pois tudo diante dele é baixíssimo! Deus, princípio e fim, alfa e ômega, única plenitude de sentido e de felicidade, satisfação absoluta dos desejos do coração! Isto significa consagração, isso quer dizer uma escolha fundamental dos servos de Deus, dos Agostinianos Descalços!

## 7.5. EM ESPÍRITO DE HUMILDADE

### 7.5.1. Renegue-se a si mesmo

O serviço dos outros e de Deus possui um único modo de atuação para que seja autêntico serviço de gratuidade e de amor: servir em espírito de humildade.

A ausência de humildade leva o homem, marcado pelo limite e pelo pecado, ao orgulho interesseiro e à hipocrisia. De fato, Jesus sublinhou que veio para servir e não para ser servido (Mt 20,28; Mc 10,45; Lc 22,27), além de indicar como primeira condição a quem quisesse segui-lo a negação de si mesmo: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16,24).

Renegar-se a si mesmo quer dizer cumprir um ato de humildade, contrário ao orgulho que caracterizou os progenitores no início da humanidade, quando se recusaram a depender de Deus e pretenderam pôr-se ao mesmo nível (Gn 3,1-7). Renegar-se a si mesmo quer dizer também expropriar-se de si (Fl 2,5-11), não se exaltar, não se deprimir, cultivar a pobreza de espírito, não colocar em si a confiança dos resultados (Mt 5,3). Renegar-se a si mesmo sublinha que o orgulho e a insubordinação são reparados mediante a humildade e a aceitação livre e alegre da dependência divina.

Na promulgação da *carta magna* do cristianismo, Jesus proclamou bem-aventurados os pobres de espírito, isto é, os humildes (Mt 5,3). Em sintonia com o Evangelho, o S. P. Agostinho insiste muito sobre a humildade, ao ponto de considerá-la como a perfeição nesta terra (In Ps. 130,14) e identificá-la com a pessoa de Jesus: “o humilde Jesus” (Conf. 7,18,24).

### 7.5.2. Pés descalços e voto de humildade

A humildade (entendida no seu profundo significado de exercício do culto e concretizada nos sinais dos pés descalços e do voto de não ambicionar ofícios e dignidades) é um elemento específico que caracteriza a aproximação dos Agostinianos Descalços ao mistério de Cristo e da Igreja.

A humildade acrescenta um valor próprio aos outros valores religiosos e agostinianos, descritos na primeira parte das nossas *Constituições*: NATUREZA, ESPIRITUALIDADE, FINALIDADE DA ORDEM. A humildade e todos os outros aspectos (canônico, evangélico, trinitário, cristológico-ecclesial, contemplativo, apostólico, comunitário, penitencial e mariano) integram o patrimônio comum do carisma das várias famílias agostinianas e de cada Instituto; contudo a acentuação dada a cada um deles é distinta, conforme a específica identidade de cada família. Na Ordem dos Agostinianos Descalços tudo deve ser feito em espírito de humildade, ou seja, em uma peculiar atitude de humildade (Const. 40).

A importância dos sinais, de andar descalços e de empenhar-se com voto a não ambicionar ofícios e dignidades, está no fato de que neles os Agostinianos Descalços viram:

1. A dimensão ascético-penitencial de um completo desapego dos valores terrenos para atender à vida contemplativa e a servir melhor ao Senhor, seguindo o auspício da reforma tridentina.
2. A dimensão bíblico-espiritual dos pés descalços em analogia aos sentimentos do coração, para estar em sintonia com o agir divino na história da salvação e viver radicalmente o seguimento de Cristo.
3. A dimensão teológica de uma íntima participação ao gesto de Cristo, o Servo de JHWH, o humilde Jesus, que no despojamento de si e na humildade da sua kênosis santifica o

homem e glorifica a Deus; salva o mundo e o reconcilia no divino abraço de amor e na alegria do cântico novo.

Os sinais da descalcez e da humildade são pontos fortes de um completo e radical projeto de humildade e de serviço. Esse projeto se realiza em Deus, no mistério da sua encarnação e redenção, no exemplo do humilde Jesus que lava os pés aos discípulos. Segundo o Ven. Fr. Giovanni Nicolucci:

Se quiser chegar a este ponto, entra descalço nesta terra, porque é santa. Despoje antes os pés, isto é, os afetos da sua alma e permaneças nus e livres. Não carregue sacola, nem bolsa nesta estrada, para que você não tenha a querer coisa alguma deste mundo, embora ela seja procurada pelos outros.

## 7.6. VOTO FINAL

O voto final que reciprocamente desejamo-nos é que das nossas casas de formação saiam religiosos motivados pela riqueza e pela beleza da vida religiosa agostiniana, e fascinados pela nova formulação do nosso carisma: “Felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade”.

Afirma-se que os candidatos de hoje não estejam dispostos ao sacrifício. Caso isso seja verdade para uma parte deles, não é verídico por todos, pois numerosos aspirantes, postulantes, noviços e professos têm talentos e garra para conseguir tal objetivo. A vida consagrada necessita de candidatos dispostos a sacrifícios, que recusam a mediocridade, que sejam generosos e tenham grandes ideais, que acolham o esclarecimento dos formadores e estejam em sintonia com eles, que sejam apoiados por propostas sérias e heroicas.

A expressão “Felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade” carrega o ideal a ser alcançado e os meios para consegui-lo. Os religiosos serão “Felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade” mediante um humilde pedido ao Senhor e um constante compromisso no exercício da felicidade no servir amoroso até o fim.

As ilustrações do S. P. Agostinho que lava os pés ao Cristo e do próprio Cristo que lava os pés aos apóstolos são os exemplos, juntamente com os nossos veneráveis e os tantos confrades da nossa plurissecular história que foram “Felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade”.

Coloquemo-nos em sintonia com eles, apoiados pela Virgem Maria, Mãe de Consolação, que está sempre pronta, como nas bodas de Canaã, a interceder para nos consolar, aconselhar, encorajar, guardar e amar com um coração materno.